



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

AMELIANA PEREIRA HOLANDA

**DA INFORMAÇÃO À MESA: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS
DOS FAMILIARES DE ATLETAS DE MUSCULAÇÃO SOB O OLHAR DO
MODELO ELIS**

FORTALEZA

2018

AMELIANA PEREIRA HOLANDA

DA INFORMAÇÃO À MESA: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS
DOS FAMILIARES DE ATLETAS DE MUSCULAÇÃO SOB O OLHAR DO MODELO
ELIS

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Veras.

FORTALEZA

2018

H669i Holanda, Ameliana Pereira.

DA INFORMAÇÃO À MESA : UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS
INFORMACIONAIS DOS
FAMILIARES DE ATLETAS DE MUSCULAÇÃO SOB O OLHAR DO MODELO
ELIS /

Ameliana Pereira Holanda. – 2018.

47 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará,
Centro de Humanidades, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2018. Orientação:
Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes.

1. Estudos de usuários. 2. Práticas informacionais. 3. Alimentação. 4. Modelo
ELIS. I. Título.

AMELIANA PEREIRA HOLANDA

DA INFORMAÇÃO À MESA: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS
DOS FAMILIARES DE ATLETAS DE MUSCULAÇÃO SOB O OLHAR DO MODELO
ELIS

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes(Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Heliomar Cavati Sobrinho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus pais e meu amor Manuel Augusto, que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Jefferson Veras, pela capacidade de colocar-se no lugar dos seus alunos. Seu grande desprendimento em ajudar-nos é inspirador.

Aos meus pais, Cleanto e Amelia, que com inteligência e sabedoria me mostraram que a dignidade e a integridade humana são primordiais para a vida. Eles que, com excelência e qualidade, constituíram uma incrível família que preza pela união e amor ao próximo. Agradeço imensamente pela criação e educação que me proporcionaram e, mais ainda, pela honra de ter pais brilhantes.

Ao meu amor, Manuel Augusto, que sempre me apoiou nas decisões difíceis. Todo o amor do mundo para nós.

Às amigas Thayana Sampaio, Thalita Patriolino e Dayane Andrade, pelo incentivo e grande ajuda nos desafios presentes na graduação.

“Uma mente necessita de livros da mesma forma que uma espada necessita de uma pedra de amolar, se quisermos que se mantenha afiada.” (MARTIN, R. R., 2010, p. 163)

RESUMO

Este estudo tem o objetivo de aprofundar a relação informacional entre a família e a mesa dos atletas de musculação. É evidente que, com o acesso à informação, os lares dos brasileiros foram tomados pela facilidade em encontrar informação, possibilitando assim a opção de poder tirar dúvidas a respeito de qualquer assunto na internet. Nesta pesquisa, questionou-se como as práticas informacionais de familiares de atletas de musculação interferem no cotidiano desses indivíduos, tendo como objetivo geral analisar essas práticas sob o olhar do Modelo Elis, elaborado por Savolainen. Como justificativas para a realização desta pesquisa, podemos citar a incitação ao debate sobre as buscas informacionais, no que diz respeito a alimentação, e a contribuição para estudo voltados à aplicação do modelo ELIS, pertencente ao paradigma social na Ciência da Informação. Na metodologia, utilizamos a modalidade qualitativa, por meio da entrevista semi-estruturada. As entrevistas ocorreram de forma presencial e pela internet, resultando em 10 pessoas que de alguma forma interferem na alimentação e fazem parte da família dos atletas de musculação. Para a realização da análise dos dados, utilizamos o modelo proposto por Savolainen (1995). Após a realização das entrevistas, identificamos as práticas informacionais mais utilizadas pelos parentes dos atletas de musculação, resultando em 6 categorias de análise. Tais categorias serviram de apoio para estabelecer a predominância dos domínios de vida dos familiares dos atletas de musculação. Além disso, identificamos o processo e síntese da busca por informações, no entanto, devido a própria indicação do autor do modelo, o resultado mais objetivo seria aplicar tais análises em espaços de tempos entre entrevistas. Vale destacar que observamos as práticas informacionais como modificadoras da comensalidade das famílias brasileiras.

Palavras-chave: Estudos de usuários. Práticas informacionais. Alimentação. Modelo ELIS.

ABSTRACT

This study aims to deepen the information between a family and a base of bodybuilders. It is evident that, with access to information, Brazilians' homes were taken over by the ease of finding information, thus providing an option to be able to ask questions about the respect of any subject on the Internet. In this research, we questioned how the informational practices of family members of bodybuilders interfere in the daily life of these individuals, with the general objective of analyzing these practices under the Elis Model, elaborated by Savolainen. As the justifications for the analysis of this research, we can cite an incitement to the debate on informational searches, with regard to food, and a contribution to the study aimed at the application of the ELIS model, belonging to the social paradigm in Information Science. In the methodology, it uses a qualitative modality, through the semi-structured interview. As occurrences in person and online, in 10 people who somehow interfere with food and are part of the family of bodybuilders. For the analysis of data, the model proposed by Savolainen (1995) is used. After conducting the interviews, we identified the functions most used by researchers in relation to bodybuilding, with emphasis on 6 categories of analysis. Such categories served as a support to establish a predominance of life-domains of the former bodybuilders. In addition, we identified the process and the synthesis of the search for information, however, due to a small indication of the model author, the most severe result of responses in time spaces between the interviews. It is worth mentioning that information activities as modifying the commensality of Brazilian children.

Keywords: User studies. Informational practices. Food. ELIS model.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Modelo de Comportamento Informacional por Wilson (1996)	31
Figura 2 – Estrutura do Modelo do Sense-Making de Dervin	32
Figura 3 – Fases do comportamento na busca informacional de Ellis	33
Figura 4 – Modelo ELIS.....	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Domínio de vida	33
Quadro 2 – Perfil dos familiares dos atletas de musculação.....	42
Quadro 3 – Categorias de análise identificadas nas famílias dos atletas de Musculação.....	43
Quadro 4 – Domínios de vida dos familiares dos atletas de musculação.....	45
Quadro 5 – Comportamento para solucionar problemas dos familiares dos atletas de musculação	47

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	A SIMBOLOGIA DA ALIMENTAÇÃO.....	15
2.1	O ato de comer.....	16
2.2	A ritualização das refeições.....	18
2.3	Da comensalidade à preocupação com a nutrição.....	20
3	DOS ESTUDOS DE USUÁRIOS ÀS PRÁTICAS INFORMACIONAIS...	17
3.1	O Habitus e a Prática.....	25
3.2	A Prática Informacional.....	28
3.3	Modelos de Prática Informacional.....	30
4	METODOLOGIA.....	37
5	DA INTERNET À MESA.....	40
5.1	Perfil dos entrevistados.....	41
5.2	Análise das práticas informacionais.....	42
5.3	Predominância dos domínios de vida dos familiares dos atletas de musculação.....	44
5.4	Processo e síntese da busca por informações feitas por familiares dos atletas de musculação.....	47
6	CONCLUSÃO.....	51
	REFERÊNCIAS.....	54
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PARENTES DOS ATLETAS DE MUSCULAÇÃO.....	59

1 INTRODUÇÃO

Alimentação e família são dois termos com significados totalmente diferentes, mas que estão intrinsecamente relacionados. Ao nascer, o ser humano necessita alimentar-se, carecendo de alguém que ofereça o alimento que supra sua fome. Assim, a família surge como intercessor entre o ser e o alimento, mostrando para o novo membro do grupo como comer, o que comer e quando comer, gerando assim um vínculo de sobrevivência, criação de hábitos e ritualização ao redor da alimentação.

Em uma família, o conhecimento e a preferência por determinados pratos, que podem carregar um valor simbólico, ou não, servem como programador de hábitos, que serão tomados pelo indivíduo pertencente ao grupo. Deste modo, é importante perceber como as práticas do cotidiano podem interferir na mais comum necessidade do homem: o ato de comer.

Com a facilidade informacional e os novos hábitos relacionados à saúde, a família e os pratos que compõem a mesa sofreram modificações ao longo dos anos. Pesquisar na internet com o objetivo de confecção dos pratos alimentares ficou fácil para qualquer pessoa, então, conseqüentemente, aconteceram mudanças nos pratos da família brasileira. Além da saúde, vários são os motivos para o surgimento de novos adeptos à alimentação mais saudável.

Propõe-se aqui apresentar uma contribuição a partir da apresentação dos conceitos “prática”, “habitus” e “prática informacional”, que são empregados em diversos estudos na atualidade. Segundo Araújo (2017, p. 218), é de conhecimento de estudiosos da área que, no campo de estudos de usuários da informação, os primeiros trabalhos surgiram a partir de 1930. Desde esta época, vários tipos de abordagens foram empregadas, intituladas de “abordagem tradicional”, “abordagem positivista” ou, ainda, “estudos de uso”. Nos anos 80, aconteceu uma nova denominação, intitulada de “abordagem alternativa”, “abordagem cognitiva” ou, ainda, estudos de “comportamento informacional”. Atualmente, uma nova forma de olhar a relação entre a informação e o usuário está sendo apresentada e tem ganhado titulações como “social”, “sociocultural”, “interacionista” ou “construtivista” (ARAÚJO, 2016). Nesta abordagem, o elemento central é o conceito de “práticas informacionais”, marcado pelo entendimento que é feito tanto de usuário (sujeito, indivíduo) como de informação (e conhecimento).

Ao falar de práticas informacionais, vamos ao encontro dos fundamentos da corrente social de estudo de usuários. Como o interesse, aqui, é a informação no cotidiano de familiares dos atletas de musculação, não podíamos deixar de utilizarmos princípios aplicados por Savolainen (1995), ao criar o modelo intitulado de *Everyday Life Information Seeking* (ELIS), que tem como objetivo tratar de aspectos sociais, culturais e psicológicos que influenciam na vida das pessoas, por exemplo, na preferência e no uso de determinadas fontes de informação em fatos do dia a dia.

O interesse nesse estudo originou-se quando iniciei minha mudança de hábitos alimentares (motivada pelo início da musculação). Minha família, ao acompanhar minha nova “realidade” e com acesso a uma grande quantidade de informações (fato bastante comum nos dias atuais), entendeu melhor o porquê da necessidade da mudança de hábitos alimentares, facilitando o entendimento deles a respeito do assunto. Após esse entendimento, surgiram dúvidas a respeito de pratos permitidos ou não, o que resultou na busca diária de informações na internet, condizentes com a minha rotina. Hoje, este mesmo fenômeno é percebido em outras famílias, que também têm dificuldade com alguns alimentos e procuram na internet a solução para suas dúvidas.

Deste modo, procuramos neste trabalho entender como os familiares dos atletas de musculação consideram a relevância da informação em sua vida cotidiana e de que forma as relações e seus hábitos influenciam nas suas práticas informacionais. Concentramos o nosso enfoque nas discussões com os familiares e suas práticas informacionais relacionadas à alimentação.

Assim sendo, Esse estudo tem por objetivo geral, sob o olhar do modelo ELIS, analisar as práticas informacionais de familiares que convivem com atletas de musculação, que se adequam-se às restrições dietéticas de tais atletas, objetivando proporcionar melhores resultados e melhor qualidade de vida para seu familiar. A partir do modelo em questão, os objetivos específicos foram estabelecidos em:

- a) Definir as práticas informacionais mais recorrentes realizadas pelos familiares dos atletas de musculação.
- b) Identificar os tipos e a predominância dos domínios de vida nos familiares dos atletas de musculação.
- c) Descrever o processo de busca de informações feitas por familiares dos atletas de musculação.

d) Sintetizar a predominância dos comportamentos de resolução de problemas desse público.

No primeiro capítulo, apresentaremos um breve conceito de alimentação, pontuando as principais linhas teóricas da área. Também trataremos da evolução da alimentação e da simbologia que lhe é atribuída. A alimentação é algo essencial para a sobrevivência do ser humano, mas, para além disso, é, em sua essência, encarregada de estruturar a história de um povo. No desdobrar dos tempos, esse ato tão comum foi mudando e se estabelecendo de formas diferentes para cada grupo social.

No capítulo dois, serão identificados os estudos de usuário, com uma sucinta exploração teórica desta área. Os estudos são separados em três correntes: a tradicional, que busca por compreensões que completem uma lacuna de informação; a alternativa, que tem o lado perceptivo da cognição como instrumento central; e a social, que nada mais é do que o estudo do usuário no seu contexto de socialização. Ressaltamos a perspectiva social, por tratar das ações e percepções que o usuário tem em torno das suas significações da sociedade. Em sua abordagem social, traremos Bourdieu com o seu conceito de *habitus* e prática, servindo de ponte para o entendimento sobre prática informacional. Posteriormente, apresentaremos alguns modelos de prática informacional, entre eles o modelo ELIS, modelo utilizado nesta pesquisa.

No capítulo três, apresentaremos os caminhos metodológicos da nossa pesquisa, investigada no decorrer do estudo. Procuramos nos enquadrar e explicar a o método qualitativo, por ser a melhor maneira de chegarmos, com satisfação, na resolução dos nossos objetivos e por possibilitar uma análise adequada a respeito do tema tratado na pesquisa.

No capítulo quatro, mostraremos a análise da pesquisa, ressaltando aspectos intrínsecos ao modelo Elis e suas aplicações. Deste modo, são identificados nas falas dos participantes das entrevistas aspectos que contemplem os objetivos desta pesquisa.

No capítulo cinco, serão expostas as conclusões desta pesquisa, buscando indicar o resultado de toda análise das práticas informacionais e apontar ações que poderiam ajudar nos estudos futuros derivados desta pesquisa.

2 A SIMBOLOGIA DA ALIMENTAÇÃO

No decorrer deste capítulo, iremos explanar sobre o começo da história da simbologia da alimentação, a qual se desenvolve em diversas partes do mundo e de diferentes formas. Para melhor compreensão, é necessário entender o desenrolar desse comportamento exclusivamente humano.

A alimentação é comum para todos os seres humanos, porém nem todos têm o mesmo costume alimentar. Com relação a essa afirmação, Nogueira (2014) diz que a alimentação vai além da necessidade fisiológica, explicando que outros fatores influenciam na maneira como o homem se alimenta, como a cultura na qual vivemos, os hábitos que adquirimos desde criança e que vem de nossa família e os processos intrapsíquicos.

No princípio, a alimentação do homem tinha o objetivo de sustentação e sobrevivência no meio em que vivia. No atual contexto social, a alimentação possui outro significado, que ultrapassa o objetivo único da necessidade de sobrevivência.

Como um fenômeno social, a alimentação não se restringe a ser uma resposta ao imperativo de sobrevivência, ao 'comer para viver', pois se os homens necessitam sobreviver (e, para isso, alimentar-se), eles sobrevivem de maneira particular, culturalmente forjada e culturalmente marcada (MACIEL, 2002).

A simbologia da alimentação constitui a identidade de um grupo, desde a preparação até a degustação do prato. De acordo com Roberto DaMatta (1986, p. 56), "comida não é apenas uma substância alimentar, é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se. E o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido, como também aquele que o ingere".

Desta forma, é entendido que o homem nasce com atitudes bárbaras, mas, ao mesmo tempo, constrói ações simbólicas, procurando colocar sentido nas atitudes desempenhadas na vida como um todo. Sobre esse comportamento, Daniel e Cravo (2005, p. 63) discorrem sobre o reflexo desses comportamentos:

É esse processo que vai lhe dizer, por exemplo, o quê, quando, com quem, onde e como deve comer. Isso é muito mais complexo do que simplesmente satisfazer o instinto da fome. Entretanto, este último desempenha um papel importante em relação ao sistema simbólico. É da dinâmica entre ambos que se atualizam os hábitos alimentares. Por isso, é correto dizer que o alimento carrega um valor ao mesmo tempo utilitário e simbólico.

Daniel e Cravo (2005) defendem que outro ponto carregado de simbologia

é o procedimento de preparação da comida. Romaneli (2006) diz que, ao tentar mudar o costume alimentar, não basta ao indivíduo por em prática a informação que possui de um determinado alimento, “mas convive intensamente com valores simbólicos e com os prazeres propiciados pela comida, sejam eles gustativos, psicológicos ou sociais, isto é, provenientes das relações criadas em torno das refeições.”

O próximo tópico irá discorrer sobre a relação entre a comida e o homem, desde a descoberta do fogo até o estabelecimento da sociedade contemporânea.

2.1 O ato de comer

Quando o homem descobriu o fogo, ele abandonou a caça, dedicando-se a agricultura. Assim, indiretamente, o homem estava mudando o seu costume alimentar, deixando o ato de comer para pensar no alimentar-se, criando não só a preferência, mas o significado para essas preferências. Franco (1995, p. 17) caracteriza o “prazer de comer” como a aproximação da necessidade que os outros animais possuem, diferenciando “comer”, “fome” e “apetite”, sendo “comer” o aspecto base da vida animal, “fome” a deficiência biológica de alimento que acontece em ciclos temporários e “apetite” algo ligado ao lado mental, psicológico da vontade de comer.

Nessa perspectiva, Claude Fischler (2001, p. 7) e Maciel (2001, p. 145-146), sobre a relação íntima que o ato alimentar possui, afirmam que:

Comer: nada de mais vital, nada de tão íntimo. ‘Íntimo’ é o adjetivo que se impõe: em latim, *intimus* é o superlativo de interior. Incorporando os alimentos, nós os fazemos aceder ao auge da interioridade. [...] o vestuário, os cosméticos, estão apenas em contato com o nosso corpo; os alimentos devem ultrapassar a barreira oral, se introduzir em nós e tornar-se nossa substância íntima. Há então, por essência, alguma gravidade ligada ao ato de incorporação: a alimentação é o domínio do apetite e do desejo gratificados, do prazer, mas também da desconfiança, da incertitude e da ansiedade.

Ainda segundo Claude Fischler (2001, p. 20 apud MACIEL 2001, p. 145-146):

O homem nutre-se também de imaginário e de significados, partilhando representações coletivas. Se é possível avaliar o valor nutritivo do alimento (um combustível a ser liberado como energia e sustentar o corpo) o ato alimentar implica também em um *valor simbólico*, o que complexifica a questão, pois requer um outro tipo de abordagem.

É evidente que a simbologia atribui significados nas coisas e nas atitudes.

No caso da alimentação, não podemos deixar de lado o fato de que comemos por necessidade, mas também que a alimentação é ditada pela sociedade.

Comemos também de acordo com a distribuição da riqueza na sociedade, os grupos e classes de pertencimento, marcados por diferenças, hierarquias, estilos e modos de comer, atravessados por representações coletivas, imaginários e crenças. (CANESQUI; GARCIA, 2005, p. 11)

Na sociedade moderna, a ação de se alimentar é regida pelas normas de etiqueta. Diferentes grupos sociais se apropriam e estabelecem as regras que o indivíduo deve seguir. Um exemplo desta conduta é o comportamento guiado desde o nascimento, quando os pais orientam os modos de se comportar na mesa, fazendo com que o indivíduo se distancie do violento instinto animal de alimentar-se.

As mães, em princípio, devem educar seus filhos para que comam de todos os pratos que vão à mesa; para que mastiguem de boca fechada; não falem enquanto têm alimentos na boca; não peguem a comida com a mão; segurem os talheres adequadamente; enfim, saibam se portar à mesa. (DANIEL; CRAVO, 2005, p. 66)

Quando o homem se distancia das regras de etiqueta, os indivíduos ao seu redor classificam o comportamento como uma ação animalesca. Segundo Daniel e Cravo (2005, p. 66), comer em grandes quantidades é para a sociedade uma infração à regra de educação. Porém, culturalmente, o brasileiro tem normas que orientam a realização de várias refeições durante o dia. Assim, a comensalidade possibilita tanto “o viver para comer e o comer para viver”.

Ao tentar explicar ‘o comer para viver’ e o ‘viver para comer’, os autores Daniel e Cravo as caracterizam como expressões diferentes nos fundamentos, mas que não se excluem. “Enquanto o primeiro se relaciona com a sobrevivência, o segundo se relaciona com a vida social, isto é, o cotidiano familiar, casamentos, batizados, aniversários, reuniões políticas ou religiosas etc” (DANIEL; CRAVO, 2005, p. 66).

Na sociedade contemporânea, existe uma diferença entre alimentar-se e comer. Carneiro (2003, p. 1) diz que:

A fome biológica distingue-se dos apetites, expressões dos variáveis desejos humanos e cuja satisfação não obedece apenas ao curto trajeto que vai do prato à boca, mas se materializa em hábitos, costumes, rituais, etiquetas. [...] O que se come é tão importante quanto quando se come, onde se come e com quem se come.

Segundo Canesqui e Garcia (2005, p. 9), os alimentos possuem

nutrientes e calorias, mas não basta sabermos a composição dos mesmos para que a escolha se estabeleça. Deste modo, os antropólogos afirmam que os rituais, os costumes, a cultura em si, são carregados de simbologias, onde as experiências e situações influenciam grande parte das escolhas alimentícias.

Juntamente com o ato de comer, surge a ritualização das refeições. Portanto, também se faz necessário discorrer sobre este ritual, presente na rotina da sociedade.

2.2 A ritualização das refeições

Como observado anteriormente, as diferenças entre o ato de comer e o ato de alimentar-se vai além da mudança ortográfica. A partir de um olhar social, podemos perceber conceitos distintos. O ato de alimentar-se constitui em ser:

[...] sempre mediado por regras dietéticas, cujas origens e finalidades são múltiplas e são elaboradas a partir de diversas formas de saber, como o conhecimento científico, o senso comum, as religiões, que criam interdições para excluir do cardápio alimentos considerados culturalmente como nocivos (ROMANELLI, 2006, p. 335).

Podemos perceber o emprego deste conceito nos rituais religiosos construídos pelo homem como forma de regimento dietético, os quais são comprovados documentalmente desde o começo da evolução da sociedade. A escolha dos alimentos depositados na mesa e o modo de se comportar perante tal ritual orientava a constituição social de um determinado grupo, possibilitando não só a interação entre os participantes, mas o estabelecimento da distinção social.

As grandes religiões monoteístas sempre se preocuparam, em seus livros sagrados, em estabelecer tabus alimentares, delimitando o que os fiéis podem ou não comer. Regras dietéticas estão presentes na Bíblia, no Levítico e no Deuteronômio, classificando os animais em puros e impuros, permitidos ou proibidos para consumo. (ROMANELLI, 2006, p. 335)

Os regentes de uma sociedade caracterizam uma porcentagem dos alimentos como “reimosos”, perigosos ou “impuros”, originando os “tabus alimentares”. Podemos utilizar a análise de Douglas (1966 apud ROMANELLI, 2006), que afirma que, em algumas religiões, quando um alimento é classificado como sujo, isto não remete necessariamente ao aspecto higiênico, mas sim à uma simbologia pagã que o alimento carrega. Deste modo, essas restrições não visam fazer a manutenção do “organismo biológico”, porém asseguram a sustentação do

“organismo social”. Logo, os componentes de uma religião geram formas simbólicas e princípios de distinção entre grupos sociais.

Por meio das regras dietéticas judaicas, podemos perceber que estas são ancoradas e concebidas em um sistema simbólico profundo. Tais regras decorrem da ritualização da comida que compõe a identidade dos participantes destes grupos.

Essas regras dietéticas não têm apenas caráter prático, fundado no conhecimento acerca das propriedades dos alimentos, mas fazem parte de um sistema simbólico mais amplo, ancorado na ideia de sagrado, que estabelece fronteiras entre judeus e gentios (ROMANELLI, 2006, p. 335-336).

Outro exemplo de ritual e sua simbologia está no ritual de canibalismo, onde “ingerir o corpo do outro pode representar uma maneira de tê-lo simbolicamente perto de si e de superar a dor do luto e da perda.” (ROMANELLI, G., 2006, p. 335).

As regras alimentares servem como rituais instauradores de disciplinas, de técnicas de autocontrole que vigiam a mais insidiosa, diuturna e permanente tentação. Domá-la é domar a si mesmo, daí a importância da técnica religiosa dos jejuns, cujo resultado também permite a obtenção de estados de consciência alterada propícios ao êxtase. As regras disciplinares sobre alimentação podem ser anti-hedonistas, evitando o prazer produzido pelo alimento tornando-o o mais insípido possível, ou podem ser pragmáticas, ao evitar alimentos que sejam demasiadamente ‘quentes’ ou ‘passionais’. Os herbários medievais identificavam em diversos alimentos, tais como as cenouras ou alcachofras, fontes de excitação sexual. As regras budistas eliminam até mesmo a cebola, a cebolinha e o alho, por considerarem que essas inflamam as paixões (CARNEIRO, 1993, p. 119).

No mundo, podemos caracterizar a alimentação como ritual dependente da cultura. Quando acontece a recepção (entre convidado e anfitrião) no ambiente e a interação entre pessoas, a hospitalidade é estabelecida e são existentes as normas de comportamento entre os indivíduos. Sobre esta interação, Camargo (2004, p. 4) diz que para um bom convívio é necessário a utilização do ritual de hospitalidade para o estabelecimento da interação entre participantes do grupo.

Com relação ao procedimento de cozinhar a comida, esta atividade que antecede a alimentação é cheia de simbologia. De acordo com Santos (2008, p. 235), o significado de quem recebe e prepara a comida e a representação da comida à mesa também são partes simbólicas do ritual.

Acredita-se, geralmente, que comportamento alimentar do homem distingue-se do dos animais não apenas pela cozinha – ligada, em maior ou menor grau, a uma dietética e a prescrições religiosas –, mas também pela comensalidade e pela função social das refeições. [...] Com o risco de cair num antropomorfismo descabido, pode-se perceber, nas refeições das

próprias feras, um prazer em comer junto, uma certa cumplicidade atenta a uma clara hierarquia, que comporta precedências, e uma espécie de etiqueta adaptada a sua sociedade [...] (FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p. 32-35 apud BORGES, 2010).

De acordo com Boutaud (2004 apud BUENO; SANTANA, 2009), os rituais culinários servem para unir os homens e também são um momento de falar sobre histórias, preservar a memória, cultuar deuses e mitos que o grupo tem em comum, tendo a comida como possibilitada de reuniões.

A seguir, vamos discorrer sobre o início da comensalidade até o início da preocupação com a nutrição, onde começa a inserção das práticas alimentares na sociedade.

2.3 Da comensalidade à preocupação com a nutrição

Com o passar dos anos, o comportamento social e a evolução biológica cresceram juntas, porém se distanciaram na relação do sistema como um todo. O homem deixou de alimentar-se por instinto para refletir sobre o que deve comer. Assim, de mero escravo dos anseios corporais, passou a dominar seus impulsos e desejos. Segundo Moreira (2010, p. 23-25) a história da alimentação e da evolução do homem se parecem. Devido à dominação do fogo, foi possível a cocção dos alimentos, transformando o alimento cru em cozido, surgindo, assim, a cozinha, “o primeiro laboratório do homem”. Com relação à passagem do cru ao cozido, Lévi-Strauss (2004) caracteriza este fato como a modificação do homem da condição biológica para a social.

Concordando com o contexto, Canesqui e Garcia (2005, p. 9) afirmam que “Para serem comidos, ou comestíveis, os alimentos precisam ser elegíveis, preferidos, selecionados e preparados ou processados pela culinária, e tudo isso é matéria cultural.”

Além da criação da cozinha, outro fator que aproximou o homem do contexto alimentar social foi o surgimento da comensalidade, caracterizada pela a função social das refeições. O modo de preparo dos alimentos proporcionou o aumento dessa interação.

No início do terceiro milênio, o comer e beber juntos além de fortalecer a amizade entre os iguais, servia para reforçar as relações entre senhor e vassalos e mesmo os acordos comerciais entre mercadores eram selados na taberna, diante de uma “panela” (MOREIRA, 2010, p. 23).

Assim, os temperos e diversos tipos de pratos tornaram-se atrações principais das festas e do contato social, como forma simbólica do estabelecimento da amizade.

Essas mudanças significativas abriram espaço para que o homem criasse modos de comportar-se à mesa. Em vista disso, surge a comensalidade, que Moreira (2010, p. 23) conceitua como derivada do latim “*mensa*”, indo além do ato de comer, mas essencialmente ao modo de comer.

A comensalidade se faz uma produtora da postura social a mesa, portanto, atitudes perante o ato alimentar sofrem influências externas, que regem os aspectos intrínsecos do ser. “A comensalidade humaniza o fato alimentar, além de ampliar as possibilidades de buscar a produção de saúde para além de aspectos objetivos da alimentação, como o que e quanto se come.” (ALVES; BOOG, 2007, p. 197-204)

A vida cotidiana marca e prevalece na realização da alimentação, tornando-se algo íntimo e igualmente compartilhado. A socialização surge quando existe a partilha do alimento e se manifesta na interação à mesa.

Aspectos subjetivos, como a escolha de com quem se come, os significados atribuídos aos alimentos e às refeições, a influência do grupo no campo das escolhas individuais, o cuidado dispensado ao preparo de alimentos, entre outros aspectos, podem agregar sentidos à promoção da alimentação saudável (DIEZ, 1997, p. 51-68.).

O principal local que a comensalidade surge é no seio da família. É neste ambiente que as primeiras normas de conduta à mesa são ensinadas e a apresentação dos costumes alimentícios se estabelece. “Os núcleos simbólicos que estruturam práticas sociais, como a alimentação, podem ser utilizados para compreender o comportamento alimentar e os elementos que conduzem à sua manutenção ou modificação” (BOOG; ALVES, 2006, p. 44).

Em complemento, é relevante colocar que Michel Maffesoli (2002) defende que quando a mesa é posta, ela é vista como ponte para o início da comunicação. Com base nos textos de Plutarco, Maffesoli (2002, p. 134) diz que “a supressão da alimentação é a dissolução da casa”. Quer dizer que a convivência fortalece a interação social de um grupo familiar. A comensalidade é, portanto, geradora do convívio social.

Assim, de acordo com Boog e Alves (2006, p. 44) quanto à inserção do indivíduo no ambiente social em que vive, as práticas sociais que são repassadas

devem ser consideradas além “do ponto de vista da ingestão adequada de nutrientes”.

De acordo com Claude Fischler (1990), ao misturarmos diversos tipos de alimentos, conseguimos deixar a alimentação culturalmente diversificada, possibilitando a sociabilidade e a comensalidade. Corroborando com Fischler (1990), Garcia (2005) diz que a cultura tem o papel de afirmar “o que é ou não comida, prescrever as permissões e interdições alimentares, o que é adequado ou não, moldar o gosto, os modos de consumir e a própria comensalidade.”

De acordo com Sidney Wilfred Mintz (2001), a comida, além de ter valores sociais, econômicas e simbólicas complexas, o prazer do ser humano pelos componentes dos alimentos não acontece por acaso, é uma mistura de fatores (poderes políticos, necessidades nutricionais, economia e cultura) que moldam o seu paladar. Pinheiro, et al. (2001) diz que, no Brasil, a estruturação dos gostos alimentares tem raízes das práticas culinárias indígenas, portuguesa e africana e, com o passar dos anos, outros elementos foram adicionados aos hábitos alimentares.

Cada região do país desenvolveu uma cultura popular rica e diversificada, onde figura uma culinária própria, devido à influência das correntes migratórias e adaptações ao clima e disponibilidade de alimentos (PINHEIRO, 2001; BLEIL, 1998; ABREU et al, 2001).

E assim caracterizam-se os hábitos alimentares, como um conjunto de aspectos moldadores de escolhas.

Os hábitos alimentares resultavam de lógicas relacionadas à racionalidade econômica, ao acesso, à seleção dos alimentos, fatores que, isoladamente, eram insuficientes para explicá-los, uma vez que a alimentação é fenômeno cultural, detentor de conteúdos simbólicos e cognitivos relativos às classificações sociais, à percepção do organismo humano e às relações entre este e as substâncias ingeridas, operantes por meio de um sistema de conhecimento e de princípios ordenadores que tratam a relação entre a alimentação e o organismo (WOORTMAN, 1978).

Mais do que entender as influências que compõem os hábitos alimentares, é necessário entender qual o papel do estudo de usuário para compor a necessidade de informação. Deste modo, no próximo capítulo, falaremos sobre o conceito das práticas informacionais e como o estudo de usuários pode contribuir para suprir a necessidade de informação.

3 DOS ESTUDO DE USUÁRIOS ÀS PRÁTICAS INFORMACIONAIS

Anteriormente, foi apresentado o conceito de alimentação, ressaltando a utilização dos meios influenciadores advindos da sociedade sob o indivíduo, para a formação do hábito alimentar. Para entender como o estudo de usuário pode contribuir para suprir as informações a respeito do comportamento alimentar, discorreremos sobre a contribuição dos estudos de usuários e das práticas informacionais no que tange à informação para alimentação.

Para Capurro (2003), existem três maneiras de se estudar a informação na CI: um modelo físico (semelhante ao paradigma “tradicional” de estudos de usuários), um modelo cognitivo (semelhante à abordagem “alternativa” de estudos de usuários) e um modelo social.

No que diz respeito à abordagem alternativa ou cognitiva, Choo (2003) e González Teruel (2005) dizem que “os estudos (de usuários) buscam entender as necessidades de informação dos sujeitos, a partir de suas perspectivas individuais, contextualizando a situação real que desencadeou a necessidade de informação.”

Além de estudar as intenções do usuário, outros fatores são relevantes para essa abordagem. Segundo Gandra e Araújo (2016), a motivação desse tipo de estudo consiste na “necessidade de informação e a dimensão cognitiva”, indicando que o usuário utiliza a informação como em um jogo de quebra-cabeça, e ela é a peça que estava faltando.

Ainda segundo Gandra e Araújo (2016), existem diversos modelos desenvolvidos com o objetivo da investigação (a partir da etapa de busca até a utilização da informação). Os autores citam como exemplos os modelos de Tom Wilson, Brenda Dervin; Carol Kuhlthau; Taylor; Belkin, Oddy e Brooks; Ellis. Tais pesquisas levam em consideração as características tanto cognitivas como emocionais, fisiológicas e situacionais que envolvem a relação entre o usuário com a informação.

Para Wilson (1981, p. 3-15), o estudo do comportamento informacional está relacionado às pesquisas sobre apropriação e uso da informação, seja ela ativa ou passiva:

Adota-se uma visão específica sobre informação enquanto uma construção subjetiva na mente do sujeito, e sobre o modo como as pessoas conhecem a realidade. Desse modo, cada pessoa possuiria uma determinada estrutura

de conhecimentos prévios, e ao se adicionar uma nova informação, o resultado seria uma nova estrutura de conhecimentos, numa lógica de acumulação. Assim, a informação é percebida como algo capaz de reduzir incertezas e solucionar dúvidas ou problemas (WILSON, p. 3-15, 1981).

Apesar dessa abordagem ser bastante abrangente, os estudos que consistem em utilizar essas ferramentas não levam em consideração o aspecto social em que o usuário está inserido.

Embora os modelos desta abordagem assumam-se como influenciados por abordagens compreensivas, em especial o construtivismo, eles sofrem críticas por não prestarem a devida importância a uma série de outras dimensões que influenciam as ações e opiniões dos usuários em sua interação com a informação, como as dimensões econômicas, políticas e socioculturais, bem como a historicidade dos sujeitos (GONZÁLEZ TERUEL, 2005 apud GANDRA; ARAÚJO, 2016).

Levando em consideração a críticas dos modelos relacionados ao comportamento informacional, surgiram novos estudos tendo como objetivo abranger aspectos que os estudos antigos não levavam em consideração. Eis que surgiu a abordagem sociocultural, cujo principal objetivo é estudar o usuário e a sociedade em que está inserido. Podemos citar alguns aspectos que são analisados nessa abordagem, como por exemplo, a cultura, a economia e a política no relacionamento entre sujeito e informação.

[...] é importante levar em consideração o contexto social, pois é o entendimento de que, além de sua dimensão objetiva, algo só se torna informação e ganha significado para os sujeitos a partir do contexto no qual a informação e o sujeito estão inseridos (GONZÁLEZ, 2005; ARAÚJO, 2013).

É desse modo que, segundo Capurro (2003, p. 14), aparece o “paradigma social”, mencionado como o “terceiro paradigma da Ciência da Informação”, para suprir aspectos que o paradigma cognitivo deixou a desejar: a noção da influência da sociedade nas tomadas de decisões.

Os limites do paradigma cognitivo se apoiam precisamente na metáfora, ou *pars pro toto*, de considerar a informação ou como algo separado do usuário localizado em um mundo numênico, ou de ver o usuário, se não exclusivamente como sujeito cognoscente, em primeiro lugar como tal, deixando de lado os condicionamentos sociais e materiais do existir humano (CAPURRO, 2003, p. 14).

Também Pinto (2012, p. 43), ao analisar as duas abordagens, alude que “Os estudos que se pautam pela abordagem cognitivista, ao desconsiderar ou secundarizar os aspectos sociais, chegam a resultados limitados, pois se focam na

tentativa de explicar comportamentos dos usuários.” Ainda segundo Pinto (2012, p. 43), o modo como o usuário está inserido na sociedade estruturará “as práticas informacionais desse ‘usuário’, que se relacionam com as condições de circulação da informação na sociedade.”

Posteriormente, irei discorrer sobre a conceitualização dos termos *habitus* e prática, ressaltando sua contribuição para o paradigma social, resultando na criação da prática informacional e seus modelos.

3.1 O Habitus e a Prática

Neste tópico, discorreremos sobre a conceitualização e a relação entre *habitus* e prática, a partir da ruptura dos termos cunhados pelo senso comum, definida por Bourdieu como “sociologia espontânea”, até ressignificação dos termos utilizados nas obras sobre teoria da prática de Bourdieu, no qual formulou reflexões a respeito do paradigma social, contribuindo para a incorporação do termo *habitus* como forma de analisar as práticas sociais.

Quando procuramos o conceito de *habitus*, segundo Montagner (2003 *apud* FERREIRA, 2003, p. 78), a raiz etimológica deriva do verbo *habeo*, que significa: ter, ter em sua posse, possuir, ocupar. Portanto, esse verbo tem como significado habitar, viver, ato frequente, ou seja, possui “vertente chamada de freqüentativa”.

A respeito da utilização do termo *habitus*, Setton (2002, p.2) diz que a palavra tem origem latina e foi utilizada por Aristóteles, tendo como significação “características do corpo e da alma adquiridas em um processo de aprendizagem”. Setton (2002, p.2) afirma que Émile Durkheim também utilizou o mesmo sentido, porém deixou tal definição mais clara. “Ou seja, Durkheim faz uso do conceito para designar um estado geral dos indivíduos, estado interior e profundo, que orienta suas ações de forma durável” (SETTON, 2003, p. 61 *apud* DUBAR, 2000; BOURDIEU,1983a; LAHIRE,1999).

Ao referir-se ao conceito de *habitus*, Bourdieu (ARAÚJO, 2014, p. 219 *apud* WACQUANT, 2006, p. 17) diz que o *habitus* é a “categoria mediadora, transcendendo a fronteira entre o objetivo e o subjetivo”. Segundo Araújo e Oliveira (2014, p. 2017), a partir dessa conceitualização, Bourdieu estaria interessado em entender sobre como se dá a conjuntura do indivíduo dentro da sociedade, que pode

resultar direta ou indiretamente nas suas ações. Nas palavras de Bourdieu (2007, p.191), habitus é:

Sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes (BOURDIEU, 2007, p. 191).

Ainda nesta mesma linha de considerações, Araújo (2014, p. 218) concorda e interpreta habitus de Bourdieu como “[...] tanto as representações sobre si e sobre a realidade, como também o sistema de práticas em que a pessoa se inclui, os valores e crenças que veicula, suas aspirações, identificações etc.”

Segundo Freitas (2012, p. 5), quando Bourdieu pensou sobre a teoria da prática, ele aplicou alguns fundamentos do objetivismo, fazendo modificações que achou pertinente à criação do método praxiológico.

Sua reflexão central baseia-se no conceito de habitus, elemento gerador de práticas, tendo como ponto de partida a dicotomia agente social (indivíduo) e sociedade (estruturas estruturadas e estruturas estruturantes), numa relação dialética entre interioridade e exterioridade (FREITAS, 2012, p. 5).

Ainda segundo Freitas (2012, p. 5), Bourdieu inovou nas conceituações empregadas para descrever o método praxiológico, citando termos como por exemplo “[...] ‘condições sociais’, ‘campo’, ‘violência simbólica’, ‘capital’ (econômico, cultural, social e simbólico), etc., podendo ser relacionados entre si e que devem ser levados em consideração em situações diversas.

Então, para Bourdieu (SILVA, 2016, p. 41 *apud* CHAMPAGNE; CHRISTIAN, 2004, p. 82), habitus, como já citado, é a “interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade”, ou seja, “o habitus é, antes de tudo, incorporação, saber pelo corpo e não estado de espírito, estado de alma ou inclinação psicológica”. Resumindo, isso significa que, o meio externo está intimamente ligado às maneiras pelas quais o indivíduo comporta-se, sente-se, vive-se.

Igualmente, Silva (2010, p. 119) completa afirmando que “produto de aprendizagem inconsciente, ele é um programa de comportamento que permite agir e pensar em um determinado meio social. Todos nós somos produtos do nosso meio e prisioneiros de uma forma determinada de ação”.

Dessa forma, o habitus, para Bourdieu, é “capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das

individualidades” (SETTON, 2002, p. 62).

Corroborando com as afirmações anteriores, Nascimento e Marteleto (2004, p. 5) enfatizam que o habitus é gerado através de fatores relevantes para o sujeito, através das “[...] experiências espaciais e temporais. Quando muda a posição de uma pessoa ou grupo dentro da sociedade, mudam também as suas relações sociais e o espaço social.”

Para Freitas (2012, p. 6), Bourdieu cita mecanismos (ações humanas) para que a abordagem social possua “um código simples”, o qual, independente do contexto social e cultura que o indivíduo esteja situado, a vivência humana poderia ser estudada de forma satisfatória. Deste modo, as principais composição do habitus são:

[...] ethos (estruturas mentais e morais) e hexis (aspectos corporais e fisiológicos), dominando as estruturas objetivas que perpassam as relações, as condições e as posições dos agentes sociais na produção de ações individuais e coletivas (FREITAS, 2012, p. 12).

Ao explicar a interação entre habitus e práticas, Bourdieu (1984) diz que o habitus é o pilar central das práticas, baseando-se nas interações entre indivíduo e sociedade, “numa relação dialética entre interioridade e exterioridade”.

Na mesma linha de raciocínio, Silva (2010, p. 118) diz que aderimos aos aspectos do meio social no momento em que interagimos com ações, com a cognição ou com os sentimento (habitus), regidos pelo determinante (sociedade).

A gênese da prática – o habitus – implica, portanto, uma interiorização das estruturas sociais (aquisições) e uma exteriorização do adquirido pela prática (as “disposições”); razão pela quais nossas estratégias fogem a uma consciência de nossa ação (SILVA, 2010, p. 118).

Complementando o pensamento, para Landini e Passini (2007, p. 4-5), essa vivência humana, que constitui as ações sociais, são interpretadas e absorvidas através de um código simples (mencionando anteriormente) “que está no princípio da percepção e da apreciação de toda uma experiência social.”

O habitus, pois, alia as práticas sociais indicando aos indivíduos as melhores respostas e atitudes em relação às condições objetivas dadas. Se o habitus, enquanto produto social, direciona as práticas e aspirações individuais, então os agentes sociais, ao agirem, acabam por reproduzir estruturalmente a matriz de disposições, bem como as condições objetivas que suportam esse habitus (LANDINI; PASSINI, 2007, p. 4-5).

Marteleto e Nascimento (2004, p.1) afirmam que, para o Bourdieu, “só se pode explicar uma prática social se a estrutura objetiva que define as condições

sociais de sua produção relacionar-se com as suas condições de exercício”. Em suma, o mesmo campo de ações sociais interage e é interagido com o indivíduo, mas, por outro lado, constitui os modos de agir dos participantes das práticas sociais.

Após o esclarecimento acima sobre a relação entre habitus e prática, no próximo tópico, abordarei sobre a prática informacional, estudo que pertence ao paradigma social da Ciência da Informação.

3.2 A Prática Informacional

No tópico anterior, comentamos sobre o surgimento do termo habitus, a sua conceitualização e sobre a compreensão da relação habitus e prática para Bourdieu. O propósito neste tópico é esclarecer as implicações a respeito da prática informacional e seu desenvolvimento no que refere-se ao estudo de usuário.

Para Marteleto (1995, p. 92), toda prática social nada mais é que uma prática informacional, no qual instrumentos de origem simbólica são passados para o indivíduo com o objetivo de assimilação o entendimento, podendo ou não ser recusado pelos indivíduos em seus campos sociais de atuação.

O conceito de práticas informacionais também é elaborado por Talja e Hansen (2005 apud SIRIHAL DUARTE; ARAÚJO; PAULA, 2017, p. 113-114) destacando que as prática informacionais estão presentes em atividades de cunho social, levando em consideração a influência de tal atividade em um grupo de indivíduos.

[...] a busca e recuperação de informações são dimensões das práticas sociais e que são instâncias e dimensões de nossa participação no mundo social em diversos papéis e em diversas comunidades de partilha. Receber, interpretar e indexar informações [...] fazem parte da rotina de realização das tarefas de trabalho e da vida cotidiana (TALJA; HANSEN, 2005, apud SIRIHAL DUARTE; ARAÚJO; PAULA, 2017, p. 113-114).

Savolainen (1995), ao referir-se a tal assunto, diz que a denominação de prática informacional surgiu, sendo comparado ao estudado já consolidado nomeado de comportamento informacional. Araújo (2003, p. 21) corrobora com a informação anterior, acrescentando que o estudo de prática informacionais consiste em abordar as características socioculturais informacionais.

Práticas informacionais, para Savolainen (1995) “consistem em investigar e descrever fenômenos relacionados à busca, ao uso e ao compartilhamento da

informação.” A principal diferenciação, para Savolainen (1995), entre o comportamento informacional e as práticas informacionais consistem no fato de que as práticas informacionais levam em consideração as ações de cunho social. Ou seja, o cenário em que o sujeito está inserido é levado em consideração, assim como o cenário é constituído pela influência do sujeito.

Silva (2008, p. 59) também faz a comparação entre o comportamento e a prática, onde, a respeito do primeiro termo, diz que “busca quantificações e padronizações”; deste modo, faz conclusões com base nos estudos das variáveis. Já a prática “supõe os indivíduos como protagonistas das ações, e busca compreender os atos encobertos das interações e a atividade de dar significado aos objetos e símbolos informacionais.”

Nesta mesma linha de considerações, Gandra e Araújo (2016, p. 8) notam que, no campo dos usuários da informação, o termo “prática informacional” conseguiu consolidar-se entre os pesquisadores, tendo em vista analisar de que forma o usuário lida com a informação. “Essa é uma característica essencial da abordagem social: não se busca um método explicativo para os fenômenos informacionais, como nas abordagens anteriores, mas sim a compreensão de tais fenômenos.”

Gandra e Araújo (2016, p. 8) também comentam a respeito da importância da convivência social, onde aspectos e modos de viver são incorporados no nosso dia a dia, podendo ser alterados, fazendo com que os indivíduos influenciem outros.

É um processo dialético entre os referenciais sociais e a subjetividade de cada sujeito. Ao mesmo tempo, há uma dimensão de singularidade nessa abordagem, porque não se buscam generalizações, uma vez que os fenômenos informacionais são investigados a partir do contexto específico, temporal e situacional no qual eles ocorrem (GRANDRA; ARAÚJO, 2006, p. 8).

Ou seja, completando a afirmação acima, Silva (2008, p. 59) diz que “as práticas informacionais envolvem o reconhecimento das necessidades, a busca e o uso de informação, mas de uma perspectiva que considera o modo de agir e interagir dos indivíduos como fator que os permitem construir significado para estas práticas”.

Para melhor explanação, a seguir, apresentaremos a definição do termo “modelo”, explicando a criação de modelos de prática informacional de acordo com

as orientações de seus criadores.

3.3 Modelos de Prática Informacional

Como vimos no tópico anterior, os termos comportamento informacional e prática informacional possuem vínculo no que se refere ao campo da ciência da informação, constituindo-se como um estudo para entender como os usuários comportam-se, sente-se e as ações que são pertinentes ao convívio diário dos usuários.

Apesar de ter bastante semelhança, o comportamento informacional dedica-se a estudar a cognição do sujeito, já as práticas informacionais são dedicadas a estudar o meio social em que o indivíduo está inserido e, a partir disso, gerar afirmações a respeito de suas atitudes. “[...] os estudos de comportamento informacional têm o foco direcionado ao sujeito cognitivo, em detrimento da comunidade social, que é o foco dos estudos de práticas informacionais.” (HARLAN, 2012; WILSON; SAVOLAINEN, 2009).

Deste modo, neste tópico, serão apresentados alguns dos modelos de Práticas Informacionais que vem sendo propostos desde a década de 1970, como, por exemplo, os de Wilson (1981), Dervin (1983), Ellis (1989), Krikelas (1983), Kuhlthau (1991), Taylor (1991), Ellis, Cox e Hall (1993), Wilson e Wash (1996), Wilson (1999).

Inicialmente, se faz necessário esclarecer o termo modelo, que, para Sayão (2001, p. 83), se origina no aspecto cultural, determinado a modelar uma situação, podendo modelar também alguns aspectos de uma realidade, com a finalidade de torná-los mensuráveis para análise de uma situação.

Os modelos, em uma generalização arriscada, buscam a formalização do universo através de meios de expressões controláveis pelo ser humano; derivam da necessidade humana de entender a realidade aparentemente complexa do universo envolvente (SAYÃO, 2001, p. 83).

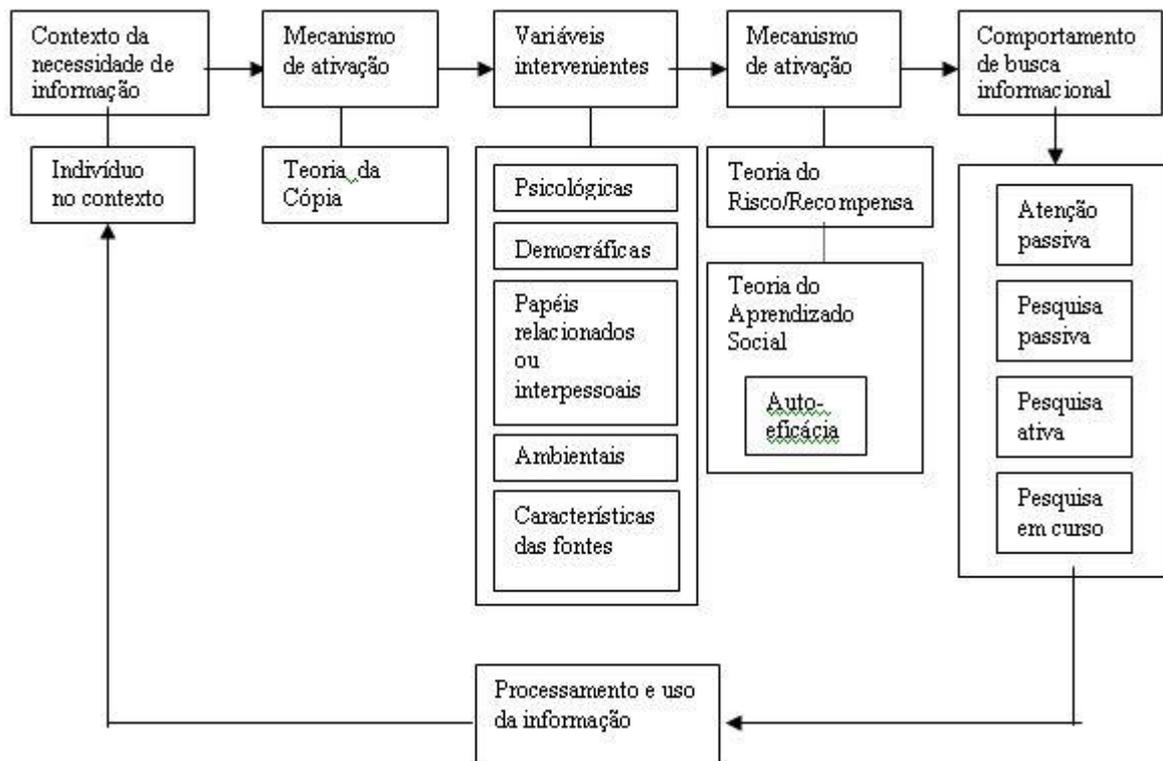
De acordo com o dicionário Houaiss (apud GASQUE, 2008, p. 8) modelos são “esquemas que possibilitam representar fenômenos ou conjunto de fenômenos e, eventualmente, a previsão de novos fenômenos ou propriedade, tomando como base certo número de leis, em geral obtidas ou testadas experimentalmente.”

Sobre a funcionalidade do modelo, segundo Sayão (2001, p. 85), consiste

em representar de forma abrangente a realidade que deseja representar. Devido à complexidade da classe de alguns fenômenos, é inviável não estabelecer um modelo para poder estudá-los.

Deste modo, como podemos demonstrar a seguir, temos o modelo de Wilson (1999), que, de acordo com Ohtoshi (2013, p. 43), tem como objetivo descrever três questionamentos fundamentais: a relação do sujeito em si, como os seus desejos íntimos; a dependência entre sociedade e indivíduo; e, por fim, o habitus em que está inserido, que interfere na função social que desempenha.

Figura 1: Modelo de Comportamento Informacional por Wilson (1996)



Fonte: Todd (2003, p. 30 apud FIALHO; ANDRADE, 2007)

Para Wilson (1981), de acordo com Silveira e Oddone (2007, p. 123), a conjuntura em que o indivíduo encontra-se, gera os mecanismos de atuação do próprio indivíduo, devido às exigências que a sociedade interfere e no decorrer que seu dia a dia demonstra necessidade de informação.

Em 1983, outro modelo trouxe bastante contribuição para o estudo do comportamento humano. A teoria de Dervin, que ficou reconhecida como modelo do sense-making, que tem o propósito de:

[...] fornecer orientações gerais para assegurar que o diálogo seja incentivado em todos os aspectos da comunicação. É uma metodologia para a prática comunicacional. Dar voz ao usuário, quando se quer entender as necessidades e usos que estes indivíduos fazem com a informação, permite a criação de uma comunicação dialógica (GONÇALVES, 2012).

Além disso, *sense-making*, para Venâncio (2008, p. 97), considera que o “foco de estudo da abordagem, é compreendido como a atividade humana de observação e interpretação do mundo exterior, na qual são construídos sentidos pela utilização de esquemas mentais prévios em um contexto sociocultural.”

Figura 2: Estrutura do Modelo do *Sense-Making* de Dervin



Fonte: Martinez-Silveira e Oddone (2007, p. 123).

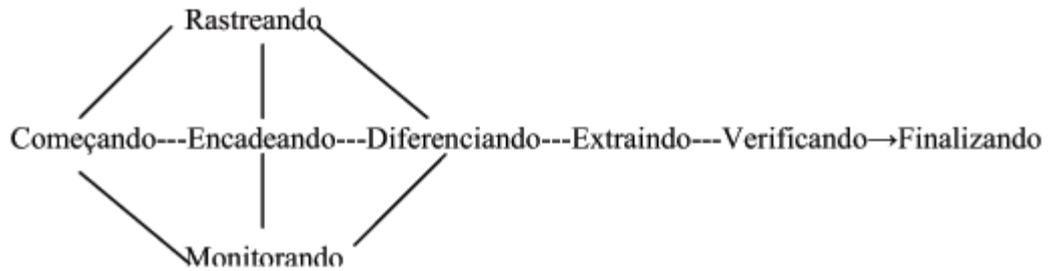
O próximo modelo a ser contemplado neste trabalho, é o modelo desenvolvido por David Ellis, denominado de *Information Search Process* (ISP), que, segundo Furtado e Alcará (2015, p. 4), apesar de não ter um diagrama, igual aos outros modelos, o modelo de Ellis baseia-se em categorias do processo de busca informacional.

O modelo consiste em estudar “As interrelações ou interações entre essas categorias em qualquer padrão individual de busca informacional e dependerão das circunstâncias específicas da busca em questão naquele momento particular” (ELLIS, 1989, p. 178).

Outro aspecto levantado por Ellis foi a respeito do “foco nos aspectos cognitivos da busca de informação e o estabelecimento de padrões comportamentais que não se configuram um processo sequencial de fases intercaladas.” (ELLIS, 1987; 1989).

Segundo Crespo e Caragnato (2003), o modelo de David Ellis tem como destaque a disposição comportamental do processo de busca. Em outras palavras, o usuário é levado em consideração como pilar central da análise. Para se chegar a uma análise contemplativa, é necessário estudo do usuário ou de um grupo de pessoas.

Figura 3: Fases do comportamento na busca informacional de Ellis



Fonte: Martinez-Silveira e Oddone (2007, p. 123).

Crespo e Caragnato (2003, p. 254-253) concluem que, no processo de criação do modelo de David Ellis, foram escolhidos aspectos comportamentais, que não são obrigatoriamente definidos como processos e, por outro lado, também não possuem encadeamento pré-ordenado. Desta forma, estes aspectos são visualizados de forma única para os diferentes tipos de comportamento do indivíduo.

Por fim, demonstraremos o modelo de Savolainen, que servirá como base para a metodologia do trabalho em questão, denominado de *Everyday Life Information Seeking* (ELIS), que consiste em analisar a busca por informações através de situações individuais no cotidiano.

De acordo com Zaidan et al, um dos principais aspectos em que consiste este modelo, é o estudo de práticas do cotidiano. Ou seja, a busca informacional por necessidades do dia a dia. Tal estudo também faz a combinação entre estudos psicológicos e sociais. Para isso Savolainen definiu quatro tipos de domínio de vida, traduzidos por Lanzi et. al. (2012, apud ZAIDAN et al, 2016, p. 7) como:

Quadro 1 - Domínio de vida

Cognitivo-otimista	É caracterizado por uma forte confiança em resultados positivos para a resolução de problemas. Pelo fato de os
--------------------	--

	problemas serem primeiramente concebidos como cognitivos, a busca sistemática de informação de diferentes fontes e canais é indispensável.
Cognitivo-pessimista	Aborda a resolução de problemas em um caminho menos ambicioso: Existem problemas que podem não ser resolvidos de maneira otimista. Apesar disso, o indivíduo pode ser igualmente sistemático na resolução do problema e na busca de informação que o satisfaça.
Afetivo-defensivo	É fundamentado em visões otimistas no que diz respeito à possibilidade de resolução do problema; contudo, fatores afetivos são dominantes na resolução de problema e na busca de informação. Isso significa que o indivíduo pode evitar situações que implicam risco de falha [...]
Afetivo-pessimista	Neste caso, os indivíduos não contam com suas habilidades para resolver os problemas do cotidiano, [pois] [...] reações emocionais e imprudências dominam o comportamento de resolução de problema.

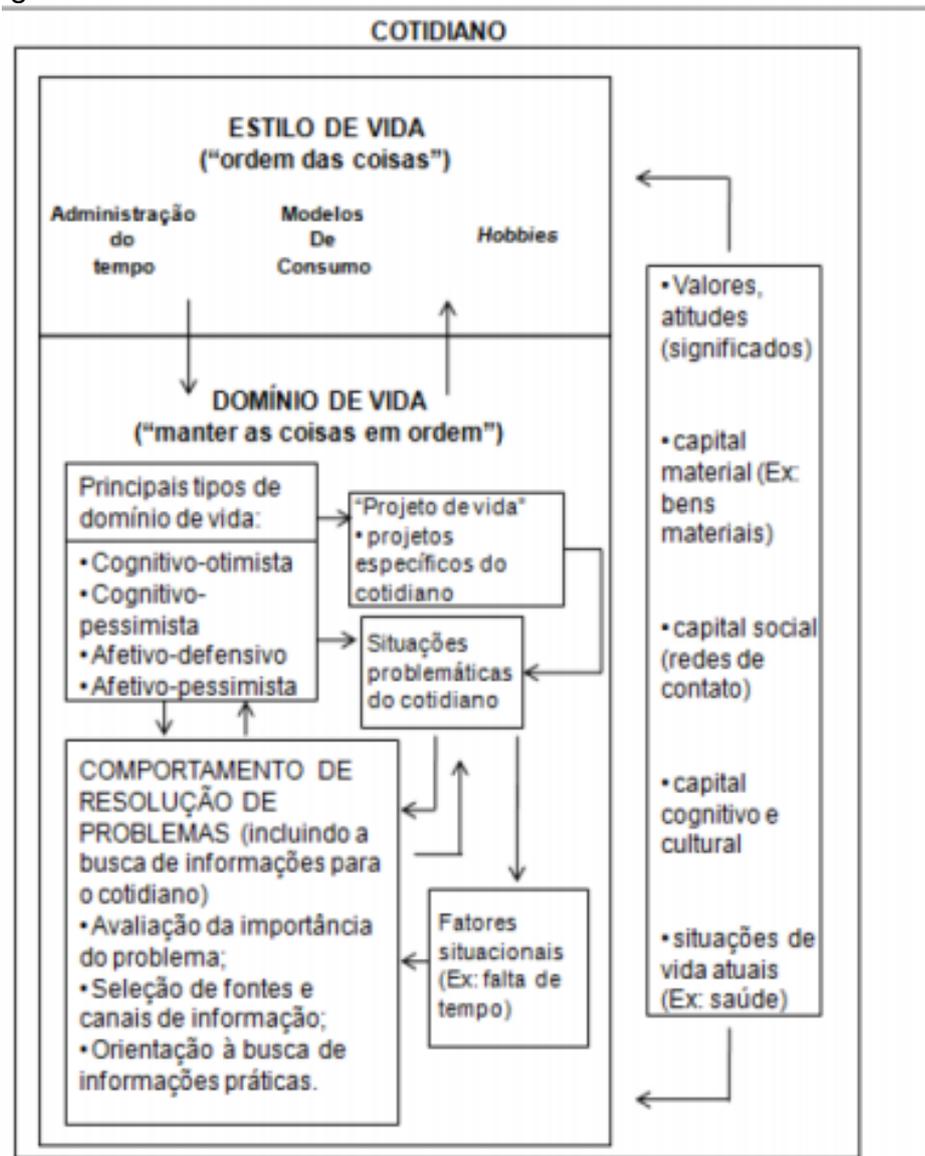
Fonte: Phillipe Zaidan, Mário Moreira, Hallini Jardim, Julianna Dias.

A respeito deste modelo, Silva, Costa e Cavalcante (2017, p. 35) dizem que o modelo ressalta a importância da busca por informação sobre assuntos que tratam do cotidiano, do mesmo modo que compreende o comportamento dos usuários para sanar estas necessidades.

Por falar em cotidiano, outra teoria já mencionada nesta pesquisa também fala sobre este assunto. Não é por coincidência que, segundo Moreira e Avelar (2016), o modelo ELIS tem como base estrutural a teoria do habitus desenvolvido por Pierre Bourdieu (1984). Além disso, os autores traçam a semelhança entre o termo “modo de vida” (wayoflife) e a prática em habitus, no qual modo de vida (a prática de habitus em execução), quando acrescido pelo domínio da vida (masteryoflife), será o resultante para que o “nonwork” possa ser investigado.

Logo abaixo, na figura 4, podemos perceber termos apresentados acima sobre a estrutura do modelo ELIS.

Figura 4: Modelo ELIS



Fonte: Lanzi, Vechiato, Ferreira, Vidotti, Silva (2012).

Corroborando com a afirmação acima, nas palavras do autor do modelo, Savolainen (1995, p. 269 tradução da autora) diz que:

Como uma constelação de atividades cotidianas e sua avaliação mútua, modo de vida fornece apenas critérios gerais para a escolha e usando várias fontes de informação e canais, na medida em que indica quais escolhas são naturais ou mesmo auto-evidentes à luz de escolhas anteriores.

Araújo (2015, p. 13) reforça que ao sofrermos influência do meio externo, estamos também contribuindo para esta influência, pois a ação do indivíduo é um fator dentro da sociedade, diferenciando-se do modelo cognitivista. "Buscar e usar informação consiste, nessa perspectiva, não apenas ações que sofrem influências

dos elementos estruturantes da realidade social mas são, eles próprios, elementos conformadores desses elementos.” (ARAÚJO, 2015, p. 13)

No próximo capítulo, falaremos a respeito do desenvolvimento da pesquisa, explicando os conceitos e métodos que guiaram o trabalho em questão, com o objetivo de esclarecer quaisquer questões abordadas.

4 METODOLOGIA

Quando imaginamos o almoço em família, pensamos na comidinha caseira que a matriarca prepara com toda a dedicação possível. Porém, quando decidimos mudar a nossa alimentação, estamos não só mudando o nosso estilo de vida, mas a rotina do tão tradicional almoço familiar.

[...] mais do que hábitos e comportamentos alimentares, as cozinhas implicam formas de perceber e expressar um determinado modo ou estilo de vida particular de um determinado grupo. Assim, o que é colocado no prato serve para nutrir o corpo, mas também sinaliza um pertencimento, servindo como um código de reconhecimento social (CANESQUI, A. M.; GARCIA, R. W. D., 2005 p. 54).

Ao mudar a rotina alimentar, o responsável por realizar a refeição tem a difícil tarefa de retirar ingredientes que afetam a química dos pratos. Devido ao interesse em estudar tal mudança na comensalidade da família brasileira, neste capítulo estão descritos os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa. A amostragem, limita-se a investigar os familiares de atletas de musculação, com idade, renda, escolaridade e perfis variados.

Quando falamos em metodologia, estamos nos referindo à palavra método, que para Fonseca (2002 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009), vem do grego *methodo* que quer dizer “a formulação de algo sequencial, organizado, padronizado”; ou seja, a metodologia estuda como se deu o desenrolar da pesquisa.

A abordagem utilizada neste estudo será a qualitativa, que segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 269):

A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 269).

Outra motivação pela escolha desta abordagem, de acordo com Santos (1999), é que a base para a investigação qualitativa consiste em analisar os aspectos do discurso cotidiano, levando em consideração o nível das relações e dos discursos. Tomando como base o pensamento sociológico, os resultados obtidos individualmente não se estabelecem nas conclusões individuais, mas naquelas disseminadas por um grupo específico. Deste modo, ao analisar a linguagem de um grupo social, teremos a conclusão deste grupo.

Por estes motivos foi escolhida a modalidade qualitativa de abordagem,

por possibilitar uma melhor compreensão da pesquisa, trazendo uma explicação mais adequada para o desdobramento dos questionamentos.

Para contemplar o desdobramento da pesquisa, utilizamos a pesquisa exploratória, por se tratar de um tema ainda novo na área, que não foi suficientemente explorado. Piovesan e Temporini (1995, p. 321) dizem que a pesquisa exploratória “[...] tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere. Pressupõe-se que o comportamento humano é melhor compreendido no contexto social onde ocorre.” Piovesan e Temporini (1995) também identificam que a pesquisa exploratória:

[...] apoia-se em determinados princípios bastante difundidos: 1) a aprendizagem melhor se realiza quando parte do conhecido; 2) deve-se buscar sempre ampliar o conhecimento e 3) esperar respostas racionais pressupõe formulação de perguntas também racionais (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995, p. 320).

A respeito dos procedimentos adotados nesta pesquisa, utilizamos a pesquisa bibliográfica para conseguirmos uma visão ampla do problema em questão, esclarecendo sobre conceitos, definições e aplicações consolidadas na área de práticas informacionais. A seguir, temos a definição de pesquisa bibliográfica:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Foi realizada a aplicação do modelo ELIS, que consiste em analisar a busca por informação no contexto do cotidiano, ou seja, quando a busca não é originada através de alguma demanda do trabalho. Segundo Spink e Cole (apud Barros, 2016, p. 301), ao realizarmos a busca no ambiente de trabalho, estamos realizando um protocolo de busca, sabendo que temos que encontrar uma informação específica. Já na busca por informação no cotidiano, devemos levar em consideração fatores como a cultura, o hábito e as características inerentes ao sujeito.

Por este motivo, o instrumento escolhido para a realização da pesquisa foi a entrevista semi-estruturada. De acordo com Triviños (1987, p. 152), a pesquisa semi-estruturada leva em consideração aspectos sociais da interpretação do conteúdo em geral, além de incluir o pesquisador no processo de coleta da amostra selecionada.

Manzini (1990/1991, p. 154) reforça que a entrevista semi-estruturada está focada em um assunto sobre o qual confeccionamos, um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

A escolha dos sujeitos a serem estudados nessa pesquisa se deve ao objetivo do nosso trabalho, que é analisar as práticas informacionais de familiares que convivem com atletas de musculação.

Vale lembrar que esse estudo tem por objetivo geral, sob o olhar do modelo ELIS, analisar as práticas informacionais de familiares que convivem com atletas de musculação, no qual adequam-se às restrições dietéticas de tais atletas, objetivando proporcionar melhores resultados e melhor qualidade de vida ao seu familiar. A partir do modelo em questão, os objetivos específicos foram estabelecidos conforme indicados na introdução dessa pesquisa.

As dificuldades encontradas apareceram no decorrer das entrevistas, quando alguns candidatos relataram morar sozinhos e, por este motivo, não poderiam participar da entrevista. Outro fator foi o distanciamento de alguns candidatos ao tema central, quando relataram apenas experiências de cunho nutricional, área que não é prioridade para este estudo.

No próximo capítulo, faremos o desdobramento da análise dos dados, fruto da metodologia adotada neste capítulo.

5 DA INTERNET À MESA

Nesta seção, serão retratados os dados alcançados através da pesquisa, identificados no capítulo anterior. As entrevistas começaram no dia 07 de abril de 2018 e se estenderam até 11 de abril do mesmo ano. A preferência foi entrevistar as mães, pois elas são as pessoas na família que geralmente preparam as refeições. Porém, alguns dos atletas que indicavam o entrevistado relataram receber auxílio dos irmãos, dos pais ou dos filhos na rotina de alimentação e busca por informações alimentares.

A respeito do perfil das famílias, observamos equilíbrio no perfil das famílias no que diz respeito aos hábitos. Algumas famílias apresentaram ter a rotina de alimentação saudável antes da prática de musculação, outras relataram a alteração dos pratos na comensalidade da família após o início da prática da musculação.

As famílias 1, 3, 4, 6, 7 e 8. (Ver Quadro 1) disseram que, antes mesmo do começo da prática de musculação, sempre procuraram informações para melhor preparar os pratos da família, pois a preocupação era em oferecer uma alimentação voltada somente para saúde. Já a família 10, em contrapartida, devido à rotina corrida, relatou que sempre optava por comer fora de casa, fazendo com que cada familiar escolhesse, de acordo com a preferência, o que iria comer.

As famílias 2, 5 e 9 (Ver Quadro 1), informaram que antes do início da prática da musculação, a alimentação era avulsa e que comiam o que tinham vontade de comer. Segundo a mãe da família 2, “Tudo era permitido e exagerado, sem regras e sem dieta, porém, gostei da mudança. Tínhamos mesmo que fazer isso por causa da saúde e, no caso, foi uma consequência do início da musculação da minha filha.”

Sobre a consequente mudança, tal afirmação lembra o que Araújo (2014, p. 218) diz sobre *habitus* em Bourdieu: “sistema de práticas em que a pessoa se inclui, os valores e crenças que veicula, suas aspirações, identificações etc.” Desta forma, podemos dizer que a mudança do hábito alimentar do indivíduo dentro de um grupo, serviu como ponte para as práticas alimentares dos outros participantes do grupo. Desta forma, podemos concluir que, segundo Boog e Alves (2006, p. 44) a alimentação, por ser um estruturante de práticas sociais, é utilizada para entender o

comportamento alimentar e “os elementos que conduzem à sua manutenção ou modificação.”

Assim sendo, de acordo com Araújo (2015), “buscar e usar informação consistem, nessa perspectiva, não apenas a ações que sofrem influências dos elementos estruturantes da realidade social, mas são, eles próprios, elementos conformadores desses elementos.” Refletindo sobre essas afirmações, entendemos que tratamos, aqui, de hábitos e práticas que podem de alguma forma influenciar na alimentação de um grupo familiar, moldando assim, comportamentos na preparação e na degustação dos pratos. Para melhor desdobramento da pesquisa, a seguir, traçamos o perfil dos familiares, com a finalidade de ter uma visão geral da amostra estudada.

5.1 Perfil dos entrevistados

Os familiares escolhidos foram indicados pelo atleta de musculação utilizando o critério de proximidade do familiar com a sua rotina de alimentação. Neste contexto, o grau de parentesco não será padronizado e não teremos um perfil único de família, já que a relevância do estudo está em analisar o contexto em que estão inseridas.

Para melhor explicação, exporemos o grau de parentesco de cada família analisada, porém, nome, renda, e número de filhos não serão mencionados, ressaltando que tais informações não contribuíram nem geraram prejuízos para a pesquisa.

Assim sendo, no total, foram escolhidas 10 famílias. O grau de parentesco mãe recebeu 3 indicações, com idades entre 45 anos e 59 anos. Irmãos receberam 3 indicações, com idades entre 19 e 25 anos. Os filhos receberam 2 indicações, com idade entre 20 e 25 anos. Já os pais receberam 2 indicações, com idade entre 52 e 65 anos.

Sobre a profissão, as mães são donas de casa; dois dos irmãos são estudantes e um trabalha; os filhos são estudantes; um dos pais trabalha e o outro é aposentado.

Para melhor compreensão, no Quadro 1, identifica-se, de forma geral, o perfil dos familiares dos atletas de musculação. As famílias foram enumeradas de acordo com as características específicas de cada família.

Quadro 1 - Perfil dos familiares dos atletas de musculação

Família	Grau de Parentesco	Faixa Etária	Tipo de ajuda
1	Mãe	45 a 59 anos	Faz compras, cozinha e auxilia na dieta
2	Mãe		Faz compras, cozinha e auxilia na dieta
3	Mãe		Faz compras, cozinha e auxilia na dieta
4	Irmão	17 a 25 anos	Auxilia na dieta
5	Irmão		Faz compras, cozinha e auxilia na dieta
6	Irmão		Auxilia na dieta
7	Filho	20 a 25 anos	Auxilia na dieta
8	Filho		Auxilia na dieta
9	Pai	52 a 65 anos	Faz compras e cozinha
10	Pai		Faz compras e cozinha

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a análise geral dos perfis, vamos adentrar nas questões das práticas informacionais, relacionando o grau de parentesco a suas respectivas particularidades e padrões.

na rotina.										
Compartilhamento de informações	X	X		X	X	X	X	X	X	

Fonte: Elaborado pela autora.

A prática informacional identificada em todas as famílias foi a busca por informações na internet, utilizando-se, principalmente, o site YouTube. A justificativa para a busca nesse site foi a diversidade de conteúdo encontrado, como canais de culinária, fitness e nutrição, com várias informações disponíveis, desde receitas até dicas de alimentação.

As mães da família 1, 2 e 3 relataram que o principal motivo pelas buscas foi a intenção de mudar a rotina repetitiva dos pratos. De acordo com a mãe da família 3, as buscas por receitas resultaram em mais sabor nos pratos da família. Segundo a mãe da família 1, “É bom dar uma variada. Como o meu filho gosta sempre daquela rotina de alimentação, às vezes tento variar para ele não enjoar da comida.”

Já os irmãos das famílias 4, 5 e 6 e os filhos das famílias 7 e 8 também relataram a busca na internet e no YouTube, porém com a intenção de conferir as informações (de cunho popular ou passadas por terceiros).

Os pais das famílias 9 e 10 relataram buscar informações na internet, mas com a finalidade de comprar alimentos certos, no entanto, dando preferência a produtos indicados pela nutricionista dos filhos (ambos são acompanhados por nutricionista).

Esta diferença na busca por dados, provavelmente, existe por tratar-se de papéis diferentes dentro de casa. A mãe, dedicada à realização da refeição, está intimamente ligada à responsabilidade de preparar os pratos. Já os irmãos e os filhos exercem o papel de orientadores e motivadores, lembrando ao atleta de musculação o que se deve ou não comer. Já o pai, responsável pela compra dos alimentos, geralmente é responsável pela a escolha certa dos alimentos que serão utilizados na mesa. Tal análise reflete a afirmação de Martelo (1995, p. 92), quando diz que toda prática social nada mais é do que uma prática informacional, na qual instrumentos de origem simbólicas são passados para o indivíduo, com o objetivo de assimilar o entendimento, podendo ou não ser recusado pelos indivíduos em seus campos sociais de atuação.

5.3 Predominância dos domínios de vida dos familiares dos atletas de musculação.

Utilizando o modelo ELIS de prática informacional, analisamos as famílias de acordo com seu grau de predominância de domínios de vida. Ou seja, de acordo com as buscas realizadas pelos familiares, qual era a satisfação quanto aos resultados das pesquisas na internet.

Vale salientar que todas as famílias acharam fácil encontrar informação sobre alimentação, porém algumas, apesar de acreditarem *a priori* em uma determinada informação, procuravam mais a fundo, recorrendo a artigos científicos e outras fontes especializadas. Com relação a isso, no Quadro 4, abaixo, podemos ver a predominância do domínio de vida entre as famílias analisadas.

Quadro 4 - Domínios de vida dos familiares de atletas de musculação

Domínio de vida	Famílias									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Cognitivo-otimista	X	X	X	X		X		X	X	X
Cognitivo-pessimista					X		X			
Afetivo-defensivo										
Afetivo-pessimista										

Fonte: Elaborado pela autora

Ao analisar o quadro, percebemos que o grau de percepção predominante para resolver problemas informacionais é o cognitivo-otimista, resultando em uma amostra que se satisfaz com a estratégia de busca escolhida para a resolução de problemas de busca informacional.

Durante a entrevista, percebia-se que a satisfação e o otimismo para se encontrar informações sobre alimentação eram predominantes, porém, devido ao grande número de sites que abordam esta temática, a sensação de satisfação pode

ser apenas uma ilusão ou a origem de outras dúvidas. A mãe da família 1, quando indagada a respeito da confiança na informação, respondeu que “é muito fácil encontrar informação na internet, o difícil, às vezes, é encontrar a informação certa.”

Essa afirmação reflete o que diz Silva (2008, p. 59), que “supõe os indivíduos como protagonistas das ações, e busca compreender os atos encobertos das interações e a atividade de dar significado aos objetos e símbolos informacionais.” Os participantes da pesquisa buscaram entender as informações para suprir as lacunas da mente com as informações encontradas. Isso reflete também na disposição da mesa, pois, de fato, o que será apresentado ao grupo é resultado das buscas na internet.

Como podemos perceber, é possível classificar as estratégias de busca dos participantes dessa pesquisa de acordo com seus hábitos e resultados. Essa afirmação faz referência ao *habitus* de Bourdieu (SILVA, 2016, p. 41 apud CHAMPAGNE; CHRISTIAN, 2004, p. 82). Como já citado, “o *habitus* é, antes de tudo, incorporação, saber pelo corpo e não estado de espírito, de alma ou inclinação psicológica”. Resumindo, isso significa que o meio externo está intimamente ligado a maneiras pelas quais o indivíduo comporta-se, sente-se, vive-se.

Para Terto e Duarte (2014, p. 57), as experiências advindas do cotidiano dos seres humanos serve para orientar o discernimento de um indivíduo. É levado em consideração o contato com a aprendizagem de diversos tipos de conhecimento, podendo assim, variar de indivíduo para indivíduo, servindo como orientação para as tomadas de decisões no cotidiano. “O registro das ações na consciência do sujeito acontece através das tipificações - atribuição de nomes a pessoas, animais, objetos, etc. – a partir das quais acontece a interpretação do mundo desde o início das sociedades.” (TERTO; DUARTE, 2014, p. 57).

As famílias 5 e 7, classificadas como cognitivo-pessimistas, relataram que quando realizam a pesquisa, acreditam fortemente que iriam encontrar o resultado, porém, no decorrer da pesquisa, encontram muitas fontes duvidosas. A filha da família 7 relatou que, por ser acadêmica, tem contato direto com informações científicas e que, no decorrer das buscas, encontra assuntos duvidosos, por isso recorre essas bases.

Como podemos perceber com essa situação, através do contato direto com um determinado contexto (no caso, o meio acadêmico), os indivíduos atribuem significados aos resultados das buscas, como também acham no meio acadêmico

uma alternativa para sanar quaisquer dúvidas. Dessa maneira, cada sujeito forma sua interpretação individual do mundo que, reunida com a dos demais, forma a visão de mundo de determinada comunidade (WAGNER, 1979 apud TERTO; DUARTE, 2014, p. 57).

5.4 Processo e síntese da busca por informações feitas por familiares dos atletas de musculação.

Como já explicado no tópico 4.2, podemos definir três categorias de motivação identificadas na amostra: quando terceiros fazem algum tipo de indicação; quando se quer fazer uma alimentação com produtos diferentes do habitual e não se sabe isso prejudica a dieta do familiar atleta de musculação; e quando se fazem buscas por receitas para variar os pratos da dieta do familiar.

Ao descrever o processo de busca, percebemos a dimensão do papel de cada familiar na atuação da rotina do atleta de musculação. Dependendo do papel do entrevistado dentro da família, foi observado que a motivação da busca é semelhante. Por isso, encontrando um padrão predominante, analisaremos o processo de acordo com o grau de parentesco das famílias analisadas, conforme o Quadro 5, a seguir:

Quadro 5 – Comportamento para solução dos problemas dos familiares de atletas de musculação.

<p>Mãe (Famílias 1, 2 e 3)</p>	<p>“As vezes, eu procuro no meu celular alguma receita interessante no google. Mas eu prefiro no YouTube porque é mais visual, dá pra fazer do jeito certo de preparar a comida. Sempre eu coloco ‘comida light’, parece pelo menos um prato, aí eu clico e vai aparecendo outros pratos”.</p> <p>“Eu busco geralmente pelo prato que quero fazer [...], por exemplo: ‘como torrar frango sem óleo’, ou ‘bolo light’... enfim, o que eu estiver precisando na hora, eu procuro”.</p>
--	--

	<p>“Eu tenho um livro de receitas que é de coisas que a minha filha não come, mas aí eu procuro a versão light dela na internet. Muito difícil eu não achar, mas quando eu não encontro, vou atrás de outra até achar”.</p>
<p>Irmão (Famílias 4, 5 e 6)</p>	<p>“Eu busco na internet, tipo, coisas que ajudam na alimentação dela, por exemplo, ‘como identificar gorduras no rótulo’ ou ‘fazer jejum é melhor do que comer de 3 em 3 horas?’”.</p> <p>“Lemos muito artigos em revistas, jornais e sites que falam sobre alimentação saudável, por exemplo, Boa Forma, Men'shealth, Revista Veja, etc. Alguns não são confiáveis e costumo comparar as fontes.”</p> <p>“Quando vamos comprar algo, eu olho o rótulo e procuro na internet, em sites mais famosos, né, que já têm fama em indicar sementes, de chia, girassol, porque utilizamos alimentos que são fáceis de achar”.</p>
<p>Filho (Famílias 7 e 8)</p>	<p>“[...] por exemplo, quando coloco na internet sobre óleo de coco ou se o ovo é o vilão ou não, se come só a clara, se come só a gema, e quantos ovos por dia, a dificuldade não é achar informação ou não, é achar informação confiável”.</p> <p>“[...] procuro na internet informações que a minha mãe tem mais dúvidas. Coloco a dúvida no buscador e surgem várias matérias. Os sites são diversos, mas, no geral, eu confio no que eles dizem”.</p>
<p>Pai (Famílias 9)</p>	<p>“[...] produtos naturais são mais caros, então quando um está muito caro, eu procuro outro que possa utilizar sem sofrer nenhum</p>

e 10)	<p>prejuízo. [...] tem os sites sobre alimentação para musculação. Geralmente é lá que eu encontro alguma coisa.”</p> <p>“Gosto de ver as dicas das nutricionistas. [...] eu busco por ‘o que pode comer antes do treino’, por exemplo, aí eu compro para a minha filha lanchar, já que ela malha à tarde”.</p>
-------	---

Fonte: Elaborado pela autora.

Como podemos perceber, a necessidade por informação surge de acordo com a demanda cotidiana. Fatores como preço dos produtos e disponibilidade no mercado é um agravante na tomadas de decisões. Estas buscas foram realizadas em ambientes não controlados, ou seja, no dia a dia, os fatos acontecem de forma esporádica, sem tempo definido e estratégia de busca específica.

Expressão esta que se refere aos mecanismos mediante dos quais os significados, símbolos e signos culturais são transmitidos, assimilados ou rejeitados pelas ações e representações dos sujeitos sociais em seus espaços instituídos e concretos de realização. (MARTELETO, 1995 apud BARROS, 2016)

A respeito das buscas por informações por terceiros, todas as famílias citaram receber algum auxílio de nutricionistas (consultas frequentes ou não) e dão preferência a estas informações. Informações recebidas por familiares e outras fontes (revista, televisão, rádio etc) são as principais geradoras de dúvidas. De acordo com o filho da família 7, “meus primos são que nem a minha mãe, sabe? Gostam de comida natural. Nós trocamos muitas informações, mas sempre é bom procurar na internet, ou perguntar ao nutricionista para ver se informação bate.”

As famílias 5 e 7 relataram realizar buscas por mais informações que agregassem nas indicações de terceiros, porém, ao realizar o processo de busca, a inconclusão do entendimento do conteúdo pode existir. Segundo o irmão da família 5:

Todo mundo palpita na alimentação lá de casa. Um diz tudo bem comer batata doce todo dia, já outro diz que tem que ter moderação. Por isso, vou

atrás de saber a verdade procurando principalmente em artigos científicos, já que me alimento com isso e a minha irmã também. [...] Às vezes, mesmo com a busca em artigos, ainda permanece a dúvida. Então, procuramos alguma nutricionista.

Isso vem ao encontro de Araújo (2017, p. 229) que afirma que “buscar e usar informação consistem, nessa perspectiva, não apenas em ações que sofrem influências dos elementos estruturantes da realidade social, mas são, eles próprios, elementos conformadores desses elementos.”

Gandra e Araújo (2016, p. 8) enaltecem a relação de troca de informações entre indivíduos, indicando que o canal de informação entre dois indivíduos é passível de ser influenciado pelo lado oposto da informação.

Pelo exposto, podemos compreender que as necessidades informacionais dos grupos de familiares estudados partem, principalmente, do cotidiano dos parentes atletas de musculação. Esses usuários possuem independência para realizar buscas por informações, porém saber escolher as fontes de informação ainda é um problema. O acesso à informação para estas pessoas é amplo, talvez causado pela facilidade do fluxo de informação “sem filtro” que pode prejudicar a qualidade dos dados. Entretanto, essas barreiras são superadas muitas vezes pelos diálogos possibilitados pelos nutricionistas.

6 CONCLUSÃO

Ser responsável pelos pratos que irão compor a alimentação de um grupo é uma empreitada diária e constante nessas famílias. Deste modo, com base na metodologia empregada na pesquisa, identificamos as práticas informacionais utilizadas pelos familiares dos atletas de musculação. Nesse caso, essas práticas foram investigadas a partir do modelo ELIS, pertencente ao paradigma social da Ciência da Informação.

De modo geral, a pesquisa deu amparo aos estudos anteriores a respeito da aplicação do modelo ELIS, que destacam que indivíduos buscam informações de vários canais levando em consideração seus afazeres diários. A pesquisa identificou que os estilos de vida dos familiares de atletas de musculação não são uniformes, diferindo-se entre si de acordo com seu papel dentro no ciclo familiar. Contudo, os meios pelos quais realizam a busca não têm muita disparidade, uma vez que todos os participantes realizam busca pela internet, diferenciando apenas em uma ou outra fonte de informação, como por exemplo, revistas e livros.

A pesquisa constata que os parâmetros de análise (estilo de vida e o domínio da vida), indicando o hábito e o convívio familiar, influenciam diretamente nas práticas de busca da informação. Savolainen (1995 apud BARROS, 2016, p. 48) orienta a realização das análises em períodos de tempos, para que o *information seeking* tenha mais amplitude em seus parâmetros de análise. Todavia, podemos perceber que outros aspectos do cotidiano, além do estilo de vida e do domínio da vida, orientam o processo de busca por informações.

Os fluxos informacionais presentes nas famílias analisadas indicaram a diversidade e a abundância de maneiras que possibilitam uma melhor utilização da informação, com a finalidade de compor a alimentação das famílias. Ressalta-se que a diversidade de meios de comunicação possibilita uma vasta experiência informacional para essas famílias, permitindo, assim, buscar informações que ajudem na rotina alimentar dos seus familiares.

Porém, vale destacar que, apesar do vasto campo de informações à disposição dessas famílias, como sites, livros e mídia eletrônica, identificar fontes confiáveis ainda é um problema, pela quantidade de conteúdos presentes na internet, que são, de modo geral, diversos e com diferentes responsáveis e que nem sempre passam segurança para os usuários interessados no assunto.

Como já citado, o estudo levou em consideração aspectos sociais e habituais dos familiares entrevistados, através da entrevista semi-estruturada, que possibilitou que a descrição das situações cotidianas revelassem as práticas informacionais e relações entre os familiares e a alimentação. Conseqüentemente, após escutar os relatos, é perceptível a preocupação dos familiares em assegurar a correta aplicação e qualidade do alimento na rotina de seus parentes.

No decorrer da pesquisa, identificamos o processo de busca de informações feito pelos familiares, com o objetivo de proporcionar melhor alimentação, para melhorar tanto a saúde como para a musculação. Quando algum parente decide mudar seus hábitos, entrar em uma academia e viver em uma constante dieta, percebe-se, a princípio, uma certa estranheza e, até mesmo, uma negação à adaptação desse novo hábito. Inicia-se, então, um processo de busca para entender como conseguir ajudar e pertencer à essa nova disposição da mesa.

Durante o processo de entrevista, identificamos as práticas informacionais dessas famílias e percebemos como as mudanças de hábitos alimentares influenciou nas buscas por informações, com a finalidade de adaptação dos pratos da família. Apesar de práticas semelhantes (entre grau de parentesco) terem sido observadas, cada família comportou-se de uma maneira à nova comensalidade, apresentando particularidades de acordo com o novo padrão gastronômico e cultural que as envolvem.

Em algumas situações, por exemplo, as mães das famílias entrevistadas se sentiram perdidas ao fazer os pratos. Algumas informações que foram repassadas pelos próprios filhos (atletas de musculação), foram ditas como “superficiais”, mas já em outros casos, como os filhos das famílias 7 e 8, eles são os responsáveis por auxiliar a mãe na composição dos pratos da família. Deste modo, os diferentes núcleos de parentesco influenciam na constante busca por informação. Para as famílias entrevistadas, a existência da informação de terceiros é mais uma forma de tirar dúvidas e um dos principais motivos para realizar buscas na internet, seja para conferir tal informação, seja para retribuir as dicas. Assim, todo palpite é uma nova busca por informação.

Alguns dos participantes entrevistados relataram a satisfação ao encontrar assuntos de “conhecimento popular” nos artigos científicos, como artigos que falam sobre a utilização ou não de um determinado alimento ou sobre a

quantidade que deve ser ingerida. Já que na internet alguns assuntos não chegam ao determinado consenso quando trata-se de alimentação.

Deste modo, a pesquisa nos permitiu esclarecer as necessidades de informação dos familiares de atletas de musculação, conectadas particularmente às demandas do cotidiano (por exemplo, informações sobre saúde e dietas). O propósito deste estudo foi, através da investigação das informações retiradas nas entrevistas, esclarecer as motivações das necessidades informacionais dos participantes, para, assim, gerar respaldo aos novos estudos a respeito das práticas informacionais direcionadas à alimentação.

Como é de conhecimento, o estudo de usuários visa identificar a necessidade informacional de um determinado contexto, e, deste modo, procurar estratégias que permitam facilitar o trâmite informacional de um determinado grupo. Mediante o estudo em questão, esperamos trazer o retrato da mudança da comensalidade e da preparação dos pratos dos brasileiros, assim como identificar as estratégias de busca das famílias, para entender como se dá o fluxo da informação (internet - informação - família).

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. A. A. Abordagem Interacionista de Estudos de Usuários da Informação. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 4, n. 2, p. 2-32, set. 2010. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/viewFile/3856/3403>>. Acesso em: 23 fev. 2018.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**, São Paulo: Editora Ática, 1994, n. 39, p. 1-86. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1891/osentidodahonra.pdf?squence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 28 fev. 2018.
- BORGES, Ana. Comensalidade: a mesa como espaço de comunicação e hospitalidade. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: Intercom, 2010. p. 1-13. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3247-1.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2018.
- BARROS, Flávia Moraes Moreira. Protagonismo nas práticas informacionais de mães de crianças alérgicas. 2016. 186f. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-AMWJ3T>> Acesso em: 15 mar. 2018.
- BUENO, Marielys Siqueira; SANTANA, Ursulina Maria. Comensalidade no terreiro de Candomblé. In: Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 6., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: [s.n.], 2009. p. 1-11. v. 6. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/6/65.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2018.
- CAMARGO, Luiz Octávio. A pesquisa em hospitalidade. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 30., 2007, Santos. **Anais...** Santos: Intercom, 2007. p. 1-24. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1225-1.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2018.
- CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003. Disponível em: <<https://docslide.com.br/documents/capurro-r-epistemologia-e-ciencia-da-informacao-2003.html>>. Acesso em: 23 fev. 2018.
- CARNEIRO, Henrique. **Comida e sociedade: uma história da alimentação**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. 179 p. v. 7. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=PIgHWxCJwRoC&pg=PA1&lpg=PA1&dq=a+fome+biol%C3%B3gica+distinguese+dos+apetites,+express%C3%B5es+dos+vari%C3%A1veis+desejos+humanos+e+cuja+satisfa%C3%A7%C3%A3o&source=bl&ots=XvxkVdV97v&sig=1J6vqE_lub-jWYKQ_BMEHP99kKY&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahU>

KEwjzmMDu68zaAhVGHpAKHYvNDPoQ6AEIPjAD#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 25 fev. 2018.

CARVALHO, G. O. A elaboração do artigo científico como meio de divulgação do conhecimento. **REVELL**, v. 2, n. 2, p. 138-162, 2010. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/viewFile/2858/1816>> Acesso em: 15 mar. 2018.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento:** como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Editora Senac, p. 27-120, 2003.

CANESQUI, Ana Maria ; GARCIA , Rosa Wanda (Org.). **Antropologia e Nutrição:** um diálogo possível . Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005. 306 p. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/v6rkd/pdf/canesqui-9788575413876.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2018.

CRESPO, I. M. ; CAREGNATO, S. E. Comportamento de Busca de Informação: uma comparação de dois modelos. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 271-281, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/73/33>> Acesso em: 12 mar. 2018.

ELLIS, D. A. Behavioral approach to information retrieval system design. **Journal of documentation**, v. 45, n. 3, 1989, p. 171-212.

FIALHO, J. F.; ANDRADE, M. E. A. Comportamento informacional de crianças e adolescentes: uma revisão da literatura estrangeira. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 20-34, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1184/1349>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

FRANCO, Ariovaldo. **De caçador a gourmet:** uma história da gastronomia . Brasília: Thesaurus, 1995. 238 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=oeCc5kRgYgsC&pg=PA6&lpg=PA6&dq=franco+ariovaldo+de+ca%C3%A7ador+a+gourmet+uma+hist%C3%B3ria+da+gastronomia+bras%C3%ADlia+thesaurus+1995&source=bl&ots=7Vk4ddIYGG&sig=Vn1Fq6mn5wGJ1HKWbUrW6P_os0&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwiA4Oen5szaAhVCF5AKHcPqDnoQ6AEIPTAC#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 24 fev. 2018.

FURTADO , R. L. ; ALCARÁ, A. R. Modelos de comportamento informacional: uma análise de suas características. In: Seminário de Arquivologia e Biblioteconomia, 4., 2015, Marília. **Arquivologia e Biblioteconomia: do outro lado da informação...** Marília: UNESP, 2015. p. 1-10. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/seminariodearquivologiaebiblioteconomia/furtado-r.l..pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

FREITAS, C. A prática em Bourdieu. **Rev. Cient. FacMais**, Goiânia: Inhumas, v. 1, n. 1, p. 5-22, 2012. Disponível em: <<http://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2012/04/1.A-PR%C3%81TICA-EM-BOURDIEU-Celma-Freitas1.pdf>> Acesso em: 03 mar. 2018.

GERHARDT, T. E. ; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. 1 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 120 p. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

LANZI, L. A. C.; VECHIATO, F. L.; FERREIRA, A. M. et al. Tecnologias de informação e comunicação no cotidiano dos adolescentes: enfoque no comportamento e nas competências digitais e informacionais da 'geração google'. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 17, n. 3, p. 49-75, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/informacao/>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

LEME, M. T.; WERLANG, S. **Pesquisa aplicada: reflexões sobre conceitos e abordagens metodológicas**. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/18700/A_pesquisa_aplicada_conceito_e_abordagens_meto%20do%20C3%B3gicas.pdf> Acesso em: 02 mar. 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LANDINI, T. S.; PASSIANI, E. Jogos habituais: sobre a noção de habitus em Pierre Bourdieu e Norbert Elias. In: Simpósio Internacional Processo Civilizador, 10., 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Unicamp, 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/Artigos_PDF/Tatiana_Landini.pdf> Acesso em: 02 mar. 2018.

LINS, G. S.; LEITE, F. C. L. E. Comportamento informacional como aporte teórico para consolidação conceitual de competência informacional no contexto da comunicação científica. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: CRUESP, 2008. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2886.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2018.

LIRA, S. W.; CÂNDIDO, G. A.; ARAÚJO, M. G. et al. A busca e o uso da informação nas organizações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 13, n. 1, p. 166-183, jan./abr. 2008.

MACIEL, Maria. Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin?. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 7, n. 16, p. 145-156, dez. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v7n16/v7n16a08.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

MARTELETO, R. M. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n.1, p.89-93, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/613/615>> Acessado em: 07 mar. 2018.

MARTIN , Georg. **A Guerra Dos Tronos: As Crônicas de Gelo e Fogo**. Comemorativa. ed. Brasil: Casa Da Palavra, 2015. 592 p. v. 1.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p.

149-158, 1990/1991.

NASCIMENTO, D. M.; MARTELETO, R. M. A “informação construída” nos meandros dos conceitos da teoria social de pierrebordieu. **DataGramZero**, v. 5, n. 5, p. A05, 2004. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/2050>>. Acesso em: 07 Mar. 2018.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Rev. Saúde Pública, São Paulo**, v. 29, n. 4, p. 318-324, 1995. Disponível em:

PINTO, Flávia. **Práticas informacionais na organização político-sindical dos professores da rede municipal de Belo Horizonte**. 2012. 154 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Escola de Ciência da Informação da UFMG, UFMG, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID8XLNQ3/vers_o_deposito_flavia_melo_disserta_o.pdf?sequence=1>. Acesso em: 07 abr. 2018.

ROMANELLI, G. O significado da alimentação na família: uma visão antropológica. In: SIMPÓSIO DE TRANSTORNOS ALIMENTARES: ANOREXIA E BULIMIA NERVOSAS, 2006, Ribeirão Preto. **Anais...** Ribeirão Preto: Medicina Ribeirão Preto, 2006. p.333-339. Disponível em: <<file:///C:/Users/ameli/OneDrive/Documentos/388-770-1-SM.pdf>> Acesso em: 02 fev. 2018.

SANTOS, L. A. S. O corpo, o comer e a comida: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo. Salvador: **EDUFBA**, 2008, 330 p. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/38m/pdf/santos-9788523209087.pdf>> Acesso em: 12 mar. 2018.

SAVOLAINEN, R. Conceptualizing information need in context. *Information Research*. v. 17, n. 4, p. 534, 2012. Disponível em: <<http://www.informationr.net/ir/17-4/paper534.html#.WygLBFVKjIU>> Acesso em: 14 mar. 2018.

SAVOLAINEN, R. Everyday life information seeking: approaching information seeing in the context of way of life. **Library and Information Science Research**, n. 17, p. 259-294, 1995. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/3d0f/75c914bc3a34ef45cb0f6a18f841fa8008f0.pdf>> Acesso em: 14 mar. 2018.

SAVOLAINEN, R. **Information behavior and information practice**: reviewing the “umbrella concepts” of information-seeking studies. *The Library Quarterly*, Chicago, v. 77, n. 2, p. 109-132, 2007.

SAYÃO, L. F. Modelos teóricos em ciência da informação: abstração e método científico. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 82-91, jan./abr. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a10v30n1>> Acesso em: 15 mar. 2018.

SILVA, H. R. A gênese da sociologia crítica de Pierre Bourdieu. **Rev.Esp.Acad.**, v. 10, n. 112, p. 114-120, 2010. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/10659/5976>. Acessado em: 03 mar. 2018.

SIRIHAL DUARTE, Adriana B.; ARAÚJO, Carlos A. A.; PAULA, Claudio P. A. de. Práticas Informacionais: desafios teóricos e empíricos de pesquisa. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, número especial, p. 111-135, out. 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Documents/20650-50321-1-SM.pdf> Acesso em: 13 mar. 2018.

TERTO, A. L. V.; BOGLIOLO, S. D. A. A prática informacional dos usuários de um sistema de informação a partir de uma perspectiva compreensiva. **Biblios**, n. 54, 2014, p. 51-70, 2014. Disponível em: <http://biblios.pitt.edu/ojs/index.php/biblios/article/view/140/193>. Acesso em: 06 abr. 2018.

TERUEL, G. A. **Os estudios de necesidades y usos de lainformacion: fundamentos y perspectivas actuales**. Espanha: Ediciones TREA, S. L., 2005. 166 p.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WACQUANT, Loïq J. D. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 26, p. 13-29, jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a03n26.pdf>. Acessado em: 28 fev. 2018.

WILSON, T. D. On user studies and information needs. **Journal of Documentation**, v. 37, n.1, p. 3-15, 1981. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/c402/314407034f3670ce1db0a41d07cee0349a1e.pdf>. Acessado em: 23 fev. 2018.

WILSON, T. D. Models in information behavior research. **Journal of Documentation**, v. 55, n.3, p. 249-270, 1999. Disponível em: <http://www2.hawaii.edu/~donnab/lis610/TDWilson_Only_1999.pdf> Acesso em: 12 mar. 2018.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Z Aidan, P. et al. O comportamento informacional dos jogadores de leagueoflegends. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 6, n. 1, p. 1-19, 2016. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/view/3104/1867>. Acesso em: 21 mar. 2018.

SANTOS, S. R. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa biomédica. **Jornal de Pediatria**, v. 75, n. 6, p. 401-406, 1999. Disponível em: <http://www.jpmed.com.br/conteudo/99-75-06-401/port.pdf> Acesso em: 28 mar. 2018.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PARENTES DOS ATLETAS DE MUSCULAÇÃO

1. Antes da mudança de hábito alimentar na vida do seu familiar, como era a rotina de vocês quanto à alimentação? Quais eram os pratos preferidos? Vocês costumavam cozinhar em casa? Quais pratos costumavam fazer em casa? E quanto aos restaurantes, costumavam sair para comer fora? Quais eram as principais opções?
2. Quando seu familiar começou a fazer musculação? O início da prática ajudou na motivação pela busca por informação alimentar? Existe algum outro fator que te motive pela busca? Ex: Saúde, cultura, etc.
3. Com o decorrer da prática, você busca por informações que ajudasse na rotina por uma alimentação mais saudável? O que te fez ajudar na rotina do seu familiar?
4. Quando há necessidade de tirar dúvidas sobre informações alimentares, você consegue sanar tais questionamentos por quais canais de informação? Como você gerencia o seu tempo nas buscas por informações?
5. Você acha fácil encontrar informação sobre alimentação?
6. Como as outras pessoas reagiram com a mudança na alimentação?
7. Você teve auxílio de algum nutricionista? Conte-me como foi a primeira consulta, qual foi o resultado? Confiou nas informações passadas pelo nutricionista?
8. Recebeu muitos palpites neste período? De quem? E o que as pessoas diziam?
9. Como eram os momentos da refeição neste período? A alteração dos pratos influenciou de alguma maneira na interação na mesa? Que alimentos consumiam? Saíam para comer fora?
10. Como vocês perceberam a reação dos familiares e conhecidos?
11. Depois de quanto tempo de prática de musculação aconteceu a mudança na mesa? Quais foram as principais mudanças? O que ele(a) não podia mais comer? O seu familiar ficou proibido de comer algo de que gostava muito?

12. A partir de que fontes de informação esta adequação foi feita? Onde foram buscadas informações para construção de uma nova rotina alimentar?
13. Como você descobria que um alimento fazia parte ou não da rotina de alimentação do seu familiar?
14. Quais as principais dificuldades no momento das compras dos alimentos? Como foram resolvidas?
15. Quais são as principais dificuldades no momento da elaboração da comida? A família já está plenamente adaptada? Quais são as dúvidas que ainda surgem?
16. Após a restrição de alguns alimentos na vida da sua família, como é atualmente a rotina de vocês quanto à alimentação? Quais são os pratos preferidos? Vocês costumam cozinhar em casa? Quais pratos costumam fazer em casa? E quanto aos restaurantes, costumam sair para comer fora? Quais são as principais opções?
17. Vocês se preocupam com a comida comprada fora de casa? Como buscam informação nestes casos? O que fazem quando vão a um restaurante ou a uma festa, por exemplo?
18. Você orienta de alguma forma a respeito do que pode ou não pode atrapalhar na alimentação?
19. Conhece alguém que tem pessoas nesta situação? Como se conheceram? A interação com estas pessoas ocorre de que forma? Trocam informações?